

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ISE – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

Relatório de Estágio Supervisionado em
Psicopedagogia Clínica

Estudo de Caso

Aureniva da Silva Oliveira

Anápolis

2010

Aureniva da Silva Oliveira

Relatório de Estágio Supervisionado em
Psicopedagogia Clínica

Estudo de Caso

Orientadora: Prof^a Sueli de Paula

Estudo de Caso apresentado a
Coordenação da Faculdade Católica
de Anápolis para obtenção do título
de Especialista em Psicopedagogia
Clínica e Institucional.

Anápolis-Go/ 2010

Aureniva da Silva Oliveira

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

Estudo de Caso

TCC apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em
Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis como
requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia.

Aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Sueli de Paula
Orientadora

Prof. Msc. Maria Inácia Lopes
Convidada

Prof. Msc. Antonio Fernandes dos Anjos
Convidado

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	
2. Diagnóstico Psicopedagógico Clínico.....	
2.1. Instrumentos Utilizados.....	
2.1.1. Anamnese.....	
2.1.2. Entrevista com o cliente.....	
2.1.3. Atividade Lúdica.....	
2.1.4. Jogos de Regra.....	
2.1.5. Provas do Diagnóstico Operatório.....	
2.1.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	
2.1.7. Hora do Jogo.....	
2.1.8. Avaliação Pedagógica – Provas Pedagógicas, Observação do Material Escolar e Entrevista com a Professora.....	
3. Análise dos Instrumentos.....	
3.1. Anamnese.....	
3.2. Entrevista com o cliente.....	
3.3. Atividade Lúdica.....	
3.4. Jogo de Regra.....	
3.5. Provas do Diagnóstico Operatório.....	
3.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	
3.7. Hora do Jogo.....	
3.8. Avaliação Pedagógica – Provas Pedagógicas, Observação do Material Escolar e Entrevista com a Professora.....	
4. Hipótese Diagnóstica.....	
5. Sugestões e Encaminhamentos.....	
6. Conclusão.....	
7. Bibliografia.....	
8. Anexos.....	

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01 - Roteiro de Anamnese

Anexo 02 – Quebra-Cabeças

Anexo 03 – Prova Operatória Classificação: Intersecção de Classes

Anexo 04 - Prova Operatória Classificação: Inclusão de Classes

Anexo 05 – Prova Projetiva: Eu e meus companheiros

Anexo 06 – Prova Projetiva: Par Educativo

Anexo 07 – Jogo da Memória

Anexo 08 – Prova Operatória Conservação: Pequenos conjuntos discretos
de Elementos

Anexo 09 - Prova Operatória Conservação: Quantidade de Líquido-
Transvazamento

Anexo 10 – Prova Projetiva Família Educativa

Anexo 11 – Prova Operatória Conservação: Quantidade de Matéria

Anexo 12 – Prova Operatória Conservação: Peso

Anexo 13 – Prova Pedagógica de Matemática

Anexo 14 – Prova Pedagógica de Língua Portuguesa

Anexo 15 – Ficha de Observação da Hora do Jogo- Caixa Lúdica

Anexo 16 – Jogo dos Sete Erros

Anexo 17 – Prova Operatória Conservação: Quantidade de Líquido-
Composição

Anexo 18 - Prova Operatória Seriação: Palitos

Anexo 19 - Questionário de Observação do Material Escolar

Anexo 20 – Entrevista com a professora

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem como origem o Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica que teve como objetivo o diagnóstico psicopedagógico de uma criança de oito anos.

A psicopedagogia surgiu da necessidade de compreender o processo de aprendizagem. Para Bossa (1994, p. 7) “historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e a Psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com distúrbios de aprendizagem”, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional. Nesse sentido, a Psicopedagogia não pode ser considerada uma “Pedagogia melhorada, e sim a Pedagogia transformada, recriada. É uma nova área que se delineia como alternativa inovadora e profissional. Utilizando-se de recursos das variadas áreas do conhecimento, a psicopedagogia propõe-se a compreender o ato de conhecer, o de aprender e, conseqüentemente, o de ensinar” (MALUF, 2005, p. 2) Ocupa-se, pois, da aprendizagem humana e está estruturando-se e situando-se para contribuir como recurso em diversas situações. A psicopedagogia está embasada em diversas teorias já que seu objeto de estudo é complexo. Assim, por exemplo, seu objeto de estudo abarca conhecimentos provenientes da psicanálise, da psicologia social, da epistemologia, da psicologia genética e da linguística, incidindo sobre o seu objeto de estudo.

Bossa (2000) afirma que cabe ao psicopedagogo saber como o sujeito que aprende transforma-se em suas várias etapas da vida, quais os recursos de conhecimento de que dispõe, como produz conhecimento e como aprende. Essas informações contribuem para suscitar o progresso e o sucesso dos alunos que apresentam sintomas do “não-aprender”. Ainda segundo Bossa (2000, p. 11), a psicopedagogia permite que se estude: ... “as características da aprendizagem humana, como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las”.

A atuação psicopedagógica relaciona-se, portanto, com o problema escolar e de aprendizagem, interferindo de forma individual ou grupal, conforme se apresenta o problema. Tratar e prevenir esses problemas de aprendizagem em

classes de alfabetização pode amenizar um fato bastante comum ao final da primeira série, quando algumas crianças finalizam o ano letivo com um nível insuficiente de aprendizagem e, posteriormente, sempre repetem alguma série de Ensino Fundamental.

Sisto (1996, p. 9) também amplia a área de atuação da psicopedagogia quando afirma que ela nos oferece, ao tratar dos problemas de aprendizagem, “[...] a possibilidade de analisar este processo do ponto de vista do sujeito que aprende e da instituição que ensina”.

A clínica psicopedagógica corresponde a um de seus campos de atuação, cujo objetivo é diagnosticar e tratar os sintomas emergentes no processo de aprendizagem. O diagnóstico psicopedagógico busca investigar, pesquisar para averiguar quais são os obstáculos que estão levando o sujeito à situação de não aprender, aprender com lentidão e/ou com dificuldade; esclarece uma queixa do próprio sujeito, da família ou da escola. (WEISS *apud* SCOZ, 1991).

Durante o estágio que aconteceu no período de maio a agosto de 2010 foram realizadas oito sessões onde foi atendido J.A., oito anos, sexo masculino que cursa o 3º ano do Ensino Fundamental.

A queixa familiar foi relatada pela mãe e diz respeito às dificuldades de leitura e escrita, da criança, desde a educação infantil, sendo a mesma queixa escolar apresentada pela orientadora educacional com o agravante de ser uma criança muito tímida.

Para realização do diagnóstico psicopedagógico utilizou-se os seguintes recursos: Anamnese, Hora do Jogo, Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, Provas Operatórias Piagetianas, Provas Pedagógicas, Análise do material escolar e Questionário direcionado ao professor sobre o desempenho do educando no espaço escolar.

A anamnese foi aplicada para colher dados sobre a história de vida da criança e suas aprendizagens, desde as informais e precoces até as dos conteúdos escolares. A Hora do Jogo possibilitou o levantamento de hipóteses sobre o tipo de relação que a criança estabelece com o objeto de conhecimento, mostrando sua maneira de agir para conhecer, para aprender e para resolver uma situação problema identificada nas diferentes modalidades de aprendizagem. As Técnicas Projetivas Psicopedagógicas permitiram avaliar a representação social

que a criança faz dos conhecimentos escolares, familiares e consigo mesma, investigando a variável emocional que condiciona positiva ou negativamente a aprendizagem. Foram aplicadas as provas projetivas: Par Educativo, que demonstra a relação vincular entre professor, aluno e objeto de conhecimento; Eu e Meus Companheiros, através da qual percebe-se o vínculo da criança com os colegas de classe; Família Educativa, que possibilita verificar o tipo de vínculo existente entre os membros da família, a representação que a criança faz do que os familiares sabem fazer e o modelo de aprendizagem que os mesmos possuem e transmitem.

Outro instrumento utilizado no diagnóstico foram as Provas Operatórias Piagetianas, um conjunto de atividades que possibilita avaliar as estruturas cognitivas que a criança já adquiriu, mostrando o grau de aquisição de algumas noções cognitivas básicas com que a criança é capaz de operar. Foram aplicadas também Provas Pedagógicas com atividades específicas direcionadas à leitura, escrita e matemática.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

2.1. INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.1.1. Anamnese

O termo anamnese vem do grego *Anámnesis*, onde o prefixo “aná” quer dizer “trazer de novo” e “mnesis” quer dizer “memória”, ou seja, proceder a anamnese é “trazer de novo à memória” importantes e focais informações sobre o histórico de vida do cliente. Cada área foca determinado aspecto do desenvolvimento da pessoa, dependendo de sua abordagem ou interesse científico. Para Chafic (2010), o objetivo da anamnese é conhecer a história de vida da pessoa em avaliação. Esse importantíssimo instrumento possibilita dimensionar passado, presente e futuro do cliente. Lembre-se que psicopedagogo não analisa fatos, mas história de vida. Não se diagnostica alguém pelo fato em si que destoou do aprendizado relativamente padronizado, mas do evento que ocasionou a dissonância de aprendizagem.

Durante a anamnese, que não se limita ao questionário, mas abrange percepções e observações desde os aspectos triviais como rotina diária até aspectos do inconsciente, como por exemplo, os chistes, os atos falhos e os lapsos de memória podem contribuir muito para o registro deste retrospecto investigativo focado nos padrões de aprendizagem e vivências do cliente (CHAFIC, 2010).

A anamnese não tem tempo determinado para se encerrar durante o processo de diagnóstico pois desde a primeira sessão até a sessão que antecede a devolutiva ou o parecer se realiza anamnese. Às vezes se faz de forma explícita, quando se preenche o questionário; às vezes se faz de forma velada, quando se capta um ato falho mais significativo sobre uma determinada experiência.

Fernández (1990) afirma que o diagnóstico, para o terapeuta, deve ter a mesma função que a rede para um equilibrista. É ele, portanto, a base que dará suporte ao psicopedagogo para que este faça o encaminhamento necessário. É um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias

que serão ou não confirmadas ao longo do processo, recorrendo para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da “... escuta psicopedagógica...”, para que “... se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção”. (BOSSA, 2000, p.23).

Uma das formas de se iniciar um diagnóstico é realizar a anamnese, ou seja, o histórico relativo à saúde física e mental do paciente, obtido a partir de informações relatadas por seu familiar. É importante para situar o atendimento num quadro mais abrangente de compreensão da pessoa que está sendo atendida.

2.1.2. Entrevista com o Cliente

O diagnóstico é em si uma investigação que segue parâmetros definidos pelo psicopedagogo para buscar as causas de uma queixa do sujeito, da família ou da escola. O foco do diagnóstico é o obstáculo no processo de aprendizagem. O objetivo do diagnóstico não é a inclusão do sujeito em uma categoria do não aprender, mas obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo neste processo que leve a um prognóstico e encaminhamento para o problema de aprendizagem. Procura-se organizar os dados obtidos em relação aos diferentes aspectos envolvidos no processo de aprendizagem de forma particular, pertencentes somente àquele sujeito investigado. Nesta perspectiva, estamos submetendo o diagnóstico psicopedagógico ao método clínico (WEISS, 2003).

Entende-se como entrevista um método de conversação livre com a criança sobre um tema dirigido pelo interrogador, que segue as respostas da criança, que lhe pede que justifique o que diz, explique, diga por que, que lhe faz contra-sugestões, etc. Segue-se a criança em cada uma de suas respostas. Sempre guiado por ela, faz-se com que ela fale cada vez mais livremente (CARRAHER, 1998).

2.1.3. Atividade Lúdica

Criar uma atmosfera de brincadeira durante a terapia não tem só o objetivo de divertir, é vantajoso porque a criança tem a possibilidade de investir ativamente, de explorar a atividade e o ambiente com maior sucesso, uma vez que esse é estruturado para tal, permitindo-lhe tornar-se madura e capaz de organizar de maneira eficiente a informação sensorial, aumentando sua autoconfiança e autoestima o que, conseqüentemente, irá ajudá-la a desempenhar seu papel ocupacional, que é brincar (WEISS,2003).

Podemos dizer que a brincadeira não é apenas uma dinâmica interna da criança, mas uma atividade dotada de um significado social que necessita de aprendizagem. Tudo gira em torno da cultura lúdica, pois a brincadeira torna-se possível quando apodera elementos da cultura para internalizá-los e criar uma situação imaginária de reprodução da realidade. É através da brincadeira que a criança consegue adquirir conhecimento, superar limitações e desenvolver-se com o indivíduo (MATOS,2007).

Vygotsky (1996), aponta a brincadeira como uma atividade dominante na infância, em que através dela a criança expressa sua imaginação, conhece seu corpo e até mesmo cria suas próprias regras. Verifica-se que a brincadeira tem caráter essencial na formação e no desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

O desenvolvimento da criança e seu conseqüente aprendizado ocorrem quando esta participa ativamente: seja discutindo as regras do jogo, seja propondo soluções para resolvê-los. É de extrema importância que o educador também participe e que proponha desafios em busca de uma solução e de uma participação coletiva. O papel do educador neste caso será de mediador.

De acordo com Schaefer (1994), as atividades lúdicas promovem ou restabelecem o bem estar psicológico da criança. No contexto de desenvolvimento social da criança fazem parte do repertório infantil e integram dimensões da interação humana necessária na análise psicológica (regras, cadeias comportamentais, simulações ou faz-de-conta, aprendizagem observacional e modelagem).

As atividades lúdicas têm capacidade sobre a criança de gerar desenvolvimento de várias habilidades, proporcionando à criança divertimento,

prazer, convívio profícuo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole, e autorrealização.

2.1.4. Jogo de Regra

Segundo Piaget (1975), por meio do jogo a criança assimila o mundo para atender seus desejos e fantasias. O jogo segue uma evolução que se inicia com os exercícios funcionais, continua no desenvolvimento dos jogos simbólicos, evolui no sentido dos jogos de construção para se aproximar, gradativamente, dos jogos de regras, que dão origem à lógica operatória. Segundo o autor, nos jogos de regras existe algo mais que a simples diversão e interação pois eles mostram uma lógica diferente da racional. Este tipo de jogo revela uma lógica própria da subjetividade tão necessária para a estruturação da personalidade humana quanto a lógica formal, advinda das estruturas cognitivas. Para Gonçalves (1999), os jogos de regras podem ser considerados o coroamento das transformações a que criança chega quando atinge a reversibilidade do pensamento.

Para Macedo (1997), no jogo de regras o conseguir jogar e compreender o seu fazer implica em assimilação recíproca de esquemas e coordenação de diferentes pontos de vista. A coordenação de pontos de vista permite o descentramento do sujeito e a possibilidade de reciprocidade interpessoal com seus parceiros de atividade. Devido ao seu caráter eminentemente social, o jogo de regras favorece cooperação ao submeter as ações dos sujeitos às normas de reciprocidade. Ao tentar resolver os problemas originados no desenvolvimento do jogo, o sujeito cria estratégias e as avalia em função dos resultados obtidos e das metas a alcançar na atividade. Os fracassos decorrentes destas ações originam conflitos ou contradições por parte do indivíduo e desencadeiam mecanismos de equilíbrio cognitiva (BRENELLI, 1996). As regulações ativas geradas por este processo implicam decisões deliberadas dos indivíduos que originam novos procedimentos de jogo. Apresentam um caráter construtivo e por meio delas a retomada de uma ação é sempre modificada pelos resultados da ação anterior em um processo contínuo de modificação das ações seguintes, em função dos resultados das ações precedentes (MACEDO, 1994).

A brincadeira e o jogo constituem-se uma necessidade humana e, segundo

Kishimoto (2000), interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação, da representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da auto-imagem dos indivíduos. Muitos educadores desvalorizam a brincadeira acreditando que o mais importante na escola é aprender a ler e escrever. Não levam em conta que todo o desenvolvimento que a brincadeira traz para os indivíduos é pré-requisito para a alfabetização. Vygotsky (1996), afirma que a brincadeira simbólica e o jogo formam uma zona de desenvolvimento proximal que pode se constituir o ponto de partida para aprendizagens formais.

Brenelli (1996), assinala que conhecer os meios empregados para alcançar o objetivo do jogo, bem como conhecer as razões desta escolha ou de sua modificação, implica uma reconstrução no plano da representação do que era dominado pelo sujeito como ação. O processo de tomada de consciência pode ser favorecido, dessa maneira, pela verbalização dos procedimentos de jogo.

2.1.5. Provas do Diagnóstico Operatório

Criadas por Piaget, as provas operatórias partem de um método clínico, de conversação livre com a criança sobre um tema dirigido pelo interrogador que segue as respostas da criança e lhe pede que justifique o que diz.

A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa e reconhecer as diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo. (VISCA, 1991).

Segundo Weiss (2003), as provas operatórias têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera.

Ela ainda nos alerta que não se deve aplicar várias provas de conservação em uma mesma sessão, para se evitar a contaminação da forma de resposta. Observa que o psicopedagogo deverá fazer registros detalhados dos procedimentos da criança, observando e anotando suas falas, atitude, soluções que dá às questões, seus argumentos e juízos, como arruma o material. Isto será

fundamental para a interpretação das condutas.

Para a avaliação as respostas são divididas em três níveis:

·Nível 1: Não há conservação, o sujeito não atinge o nível operatório nesse domínio.

·Nível 2 ou intermediário: As respostas apresentam oscilações, instabilidade ou não são completas. Em um momento conservam, em outro não.

Nível 3: As respostas demonstram aquisição da noção sem vacilação.

Muito interessante o que Weiss (2003), nos diz sobre as diferentes condutas em provas distintas:

...pode ocorrer que o paciente não obtenha êxito em apenas uma prova, quando todo o conjunto sugere esta possibilidade. Pode-se ver se há um significado particular para a ação dessa prova que sofra uma interferência emocional: encontramos várias vezes crianças, filhos de pais separados e com novos casamentos dos pais, que só não obtinham êxito na prova de intersecção de classes. Podemos ainda citar crianças muito dependentes dos adultos que ficam intimidadas com a contra-argumentação do terapeuta e passam a concordar com o que ele fala, deixando de lado a operação que já são capazes de fazer.

2.1.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas

Visca (1991) nos diz que as provas projetivas têm como objetivo investigar os vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo, através dos quais é possível reconhecer três níveis em relação ao grau de consciência dos distintos aspectos que constituem o vínculo de aprendizagem.

Sobre as provas projetivas Weiss, (2003) observa que o princípio básico é de que a maneira do sujeito perceber, interpretar e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo. É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento como procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especificamente escolar.

O que podemos avaliar através do desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio

pensamento. Esta autora ainda nos diz que o pensamento fala através do desenho onde se diz mal ou não se diz nada, o que oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora (Pain, 1992).

Para Visca (2008), as Técnicas Projetivas Psicopedagógicas permitem investigar os vínculos que o sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, como também com as circunstâncias dentro das quais ocorre tal construção. A Técnica Projetiva busca o tipo de vínculo que o sujeito estabelece não apenas com o professor, os conteúdos, colegas e a escola, mas também a relação com as pessoas fora da comunidade escolar: os adultos significativos que lhe oferecem ou não modelos de aprendizagem e os cenários onde isto ocorre.

A prova Par Educativo sistematizado por Malvina Oris e Pichona Ocampo tem um importante papel na avaliação psicopedagógica. Nela, solicita-se que a criança desenhe uma pessoa que aprende e uma que ensina, sugere-se que ela formule uma história envolvendo esses dois personagens; pode ser oral ou por escrito. Para Andrade (1998), esta prova tem o objetivo de obter informações a respeito do vínculo estabelecido em relação à aprendizagem, como foi internalizado por ele o processo de aprender e como percebe aquele que ensina e o que aprende. Os dados obtidos darão condições para elaboração de hipóteses a respeito da visão do paciente de si, dos professores, de seus companheiros de classe e até mesmo da instituição educativa.

É possível interpretar relações ensinante-aprendente, o papel vivido na escola, em turma, as rejeições às situações escolares, ameaça da figura do professor, entre outros.

O teste Família Educativa tem o objetivo de avaliar como se dá o relacionamento da família como um todo e também em suas diferentes partes. É necessário deixar claro que antes de se realizar esse teste é preciso investigar qual a visão que o paciente tem de família e como se encontra sua família, pois sabemos que nos dias atuais são muitas as variações sofridas pelas famílias que outrora eram formadas por Pai, mãe e filhos, hoje sabemos que podem ser formadas por avós, mãe e filhos; ou por Mãe e filhos; por filhos de pais separados que casaram com um novo cônjuge e assim por diante. Todas essas relações devem ser conhecidas e esclarecidas para evitar distorções na análise do teste. No procedimento do teste é solicitado ao paciente que desenhe uma família,

dessa forma liberamos o paciente tanto no nível inconsciente quanto no nível crítico para falar de sua família que pode ser representada como é na realidade ou como o paciente a idealiza. Posteriormente pedimos que de nomes a cada um dos indivíduos representados no desenho e que conte uma história sobre essa família (ANDRADE,1998).

A prova Eu e Meus companheiros de autoria de Sara Bozzo De Shettini tem o objetivo de investigar os vínculo com os companheiros de classe. O procedimento é solicitar ao paciente que se desenhe com seus companheiros de classe. Após o desenho faz-se algumas perguntas relacionadas ao mesmo e passa-se a análise observando os seguintes indicadores: tamanho total, tamanho do personagem principal, tamanho dos demais personagens, posição dos personagens, inclusão do docente e a inclusão de pessoas de fora do grupo (VISCA,2008).

2.1.7. Hora do Jogo

De acordo com Siqueira, (1999), a hora do jogo é um instrumento utilizado no processo psicodiagnóstico que objetiva conhecer a realidade do paciente quando este é uma criança. Pois a atividade lúdica é para a criança um meio de comunicação semelhante à expressão verbal nos adultos.

Cada hora do jogo é uma experiência nova que deve ser realizado em um ambiente espaçoso, que possibilite uma boa movimentação, deve ter pouca mobília e de preferência com piso e paredes laváveis. Deve ser permitida a brincadeira com água e materiais diversos. Esses materiais podem estar em cima de uma mesa e parte dentro de uma caixa aberta, não devem estar organizados em agrupamentos de classes. Os brinquedos não devem ser escolhidos aleatoriamente, mas em função das respostas específicas que provocam. Outro ponto importante é a quantidade que não deve ser exagerada (SIQUEIRA, 1999).

Os materiais devem ser de qualidade para evitar estragos. Deve se evitar também os que possam colocar em risco a integridade física do paciente.

Quando a criança entra no consultório deve ser instruída de forma clara a respeito dos papeis, do tempo, do material que pode ser usado e sobre os objetivos esperados. É importante o estabelecimento de limites caso o paciente

fuja as instruções dadas ou se coloque em perigo.

O psicopedagogo deve proporcionar condições para que a criança brinque da forma mais espontânea possível. O objetivo é observar, compreendendo e cooperando com a criança.

Para a análise da hora do jogo diagnóstica não existe uma padronização, mas pautas oferecidas com critérios sistematizados e coerentes que orientam a análise. Devem-se considerar os indicadores mais importantes para o diagnóstico e prognóstico (Gonçalves, 2002).

2.1.8. Avaliação Pedagógica – Provas Pedagógicas, Observação do Material Escolar e Entrevista com a professora

A avaliação pedagógica não se limita ao conteúdo escolar, deve ser vista como uma expressão global em que se está pondo em foco o nível pedagógico, mas juntos o cognitivo e as emoções, ligadas ao significado dos conteúdos e ações.

Segundo Weiss (2003) é necessário que se pesquise o que o paciente já aprendeu, como articula os diferentes conteúdos entre si, como faz uso desses conhecimentos nas diferentes situações escolares e sociais, como os usa no processo de assimilação de novos conhecimentos. Esclarece a autora, que a análise dessas atividades juntamente com a análise do material escolar da criança, possibilita ao terapeuta definir o nível pedagógico para se verificar a adequação à série em curso.

Para tanto além das provas pedagógicas, foram utilizados para essa avaliação a análise do material escolar e a entrevista com a professora a fim de uma avaliação mais precisa.

3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

3.1. Anamnese

J.A. tem oito anos de idade, frequenta o terceiro ano do ensino fundamental numa escola particular. Frequentou a educação infantil e desde já observou que suas habilidades e desempenho apresentavam-se abaixo do esperado para sua idade. Foi informado à família, através de avaliação descritiva, a dificuldade constatada durante o período. A família observou que J.A. apresentava dores de cabeça e tonturas. Foi realizado exame oftalmológico e foi constatada a necessidade de utilizar óculos. Foi encaminhado ao atendimento psicopedagógico depois de ter tido reforço pedagógico desde o 1º ano.

J.A. mora com seus pais e dois irmãos mais novos. Segundo relato da mãe, seu pai apresentou grandes dificuldades de aprendizagem escolar na infância.

Após a realização da anamnese e a partir de relatos da mãe, constatou-se que aprendeu a falar e a andar tardiamente, o que merece maior atenção para seu ritmo de aprendizagem e aquisição de habilidades e que apresentou uma convulsão com dois meses de idade. Ficou constatado também que é uma criança com muitos medos, não dorme sozinha e tem muito medo de escuro. É tímida e tem dificuldades em fazer amizades e quando se sente ameaçada, às vezes é agressiva.

A criança gosta de ir à escola mas não gosta de realizar atividades em grupos ou leitura em voz alta.

Não foi constatado nenhum antecedente pessoal com relação à gestação, condições de nascimento ou primeiras reações.

Na análise dos fatos observa-se que o fato de andar tardiamente tem relações com o comprometimento de sua coordenação motora fina e que os sentimentos de medo, insegurança e tensões não foram sinalizados em nenhum fato pertinente relacionado a gestação, parto e ou primeiras reações e sim em observações de uma rigidez familiar principalmente no que tange a escola e seu rendimento escolar.

O estabelecimento de vínculo afetivo por sua mãe e sua cuidadora, foi normal e a circulação de conhecimento foi favorecida, instalando-se então, uma modalidade de aprendizagem com boa assimilação e acomodação (a criança assimila quando incorpora novas informações ao seu esquema de ação, e acomoda quando modifica o seu esquema para incorporar o objeto).

3.2. Entrevista com o cliente

J.A.R.M. tem oito anos e faz aniversário no dia 20 de agosto. Ele frequenta o terceiro ano do Ensino Fundamental no C.S.F.A. e sua professora chama-se Luciana. Seus pais chamam-se R.M.S. e E.S.R, tem um irmão de seis anos, o J.P. que faz o Jardim II na mesma escola e uma irmã de um ano, A.J. que ainda não estuda.

Ele se mostrou um pouco acanhado no início mas com o desenrolar do tempo foi ficando à vontade e conseguiu responder a todas as perguntas.

Quando questionado porque havia vindo para o atendimento, disse que sua mãe falou que ele precisava de ajuda para melhorar seu rendimento na escola.

J.A. disse que, em casa, gosta de assistir televisão, jogar vídeo-game e futebol e que não gosta de guardar os brinquedos com os quais sua irmã brinca. Ele faz tarefas todos os dias às quinze horas, logo após lanche e sua mãe o ajuda fazendo a leitura e explicando o que deve ser feito. Ele relata que não tem muitos colegas e todos moram longe e por isso nenhum deles vêm até sua casa.

Quanto às atividades da família, J.A. relata que seu pai trabalha o dia todo e à noite gosta de assistir televisão e jogar vídeo game com ele e seu irmão. Eles também brincam de jogos de cartas e outros; sua mãe às vezes trabalha durante o dia e às vezes à noite mas quando está em casa brinca de bola, leva-os para andar de bicicleta e também em parquinhos para brincar, sempre acompanhados por seus irmãos.

Os passeios aos finais de semana são sempre muito divertidos, a família sempre está junta e costumam ir para a fazenda, algum clube ou parque.

Na escola J.A. relata que são poucos os seus amigos, apenas cinco colegas da mesma sala que brincam com ele, no recreio, de esconder, pique-

pega e troca de figurinhas. Ele disse que não gosta de fazer atividades em grupo e de ler em voz alta porque acha difícil ter que trocar idéias com os colegas e porque tem vergonha de falar alguma palavra errada. Gosta muito de fazer atividades nos livros porque ninguém está vendo o que ele está fazendo e ainda disse que adora as experiências no laboratório de ciências da escola.

Suas brincadeiras preferidas são jogar vídeo-game, bola e andar de bicicleta, gosta de ler para si e ouvir histórias tipo clássicos da literatura e gibis. Não gosta de ouvir música e nem cantar e seu esporte preferido é futebol.

J.A. tem muito medo do escuro e por isso não consegue dormir sozinho, mesmo junto de seu irmão. Ele precisa sempre da companhia de um adulto para conseguir pegar no sono. Sempre que sente medo ou se sente ameaçado, procura por sua mãe ou por seu pai.

Durante a entrevista pôde-se perceber que J.A. é uma criança tímida e com dificuldades em fazer amizades. Ficou claro ainda que ele gosta de ir à escola, no entanto sente-se inseguro para realizar certas atividades.

No decorrer da conversa percebe-se que sua família é bastante presente e que os pais demonstram muito carinho e atenção para com os filhos. Outro aspecto marcante na entrevista foi o fato de J.A. ser uma criança com muito medo do escuro e não conseguir ainda dormir sem a companhia de um adulto, isso denota uma fragilidade da criança e um fato importante a ser observado para a continuidade de seu desenvolvimento.

3.3. Atividade Lúdica

Na primeira sessão foi solicitado a J.A. logo no início que montasse um quebra cabeças.

Com relação à atividade lúdica fica claro que é de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança, pois através dela J.A. conseguiu se sentir tão à vontade como até então não havia se expressado. As atividades lúdicas preparam a criança para o desempenho de papéis sociais, para a compreensão do funcionamento do mundo, para demonstrar e vivenciar emoções. Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivo-emocionais, motor,

cognitivo e até corporal. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade e é através da observação da sua brincadeira que se consegue enxergar muitos aspectos importantes para o seu diagnóstico. J.A. se sentiu à vontade e ficou muito feliz ao conseguir montar rapidinho o quebra-cabeça a ele dado.

Na segunda sessão após J.A. ter realizado as provas projetivas foi entregue a ele um jogo da memória como atividade lúdica da sessão. O jogo tinha como tema os animais e foi muito apreciado por J.A. Enquanto brincava pude perceber que sentia prazer e podia testar seu autocontrole toda vez que errava e sua autorrealização quando acertava. Ao final do jogo J.A. venceu e se mostrava muito feliz e descontraído.

É de extrema importância a brincadeira para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança pois é através dela que a criança consegue expressar seus sentimentos em relação ao mundo social. Podemos dizer que a brincadeira não é apenas uma dinâmica interna da criança mas uma atividade dotada de um significado social que necessita de aprendizagem. Tudo gira em torno da cultura lúdica pois a brincadeira torna-se possível quando se apodera de elementos da cultura para internalizá-los e criar uma situação imaginária de reprodução da realidade. Com imaginação, apresentação, simulação, as atividades com jogos são consideradas como estratégia didática e facilitadora da aprendizagem, quando as situações são planejadas e orientadas por profissionais ou adulto, visando aprender, isto é, proporcionar à criança a construção de algum tipo de conhecimento, alguma relação ou desenvolvimento de alguma habilidade.

Durante as atividades lúdicas, pode-se perceber traços de personalidade do educando, de seu comportamento individual e em grupo e o ritmo de seu desenvolvimento. O ato de divertir-se vai oportunizar as vivências às vezes inocentes e simples da essência lúdica de crianças, possibilitando o aumento da autoestima, o autoconhecimento de suas responsabilidades e valores, a troca de informações e experiências corporais e culturais, por meio das atividades de socialização. Na quarta sessão foi apresentado a J.A. como atividade lúdica blocos pedagógicos para que fizesse montagens livres, ele explorou muito a atividade, montou vários objetos e se sentiu muito à vontade.

A atividade lúdica oportuniza à criança, o enriquecimento de suas próprias capacidades, mediante estímulo à iniciativa, à melhoria nos processos de comunicação e principalmente a optar por ações que incentivem a criatividade, que é certamente uma característica e um objetivo fundamental da Atividade Lúdica, seja ela uma brincadeira, jogo ou brinquedo em suas diversas formas de realização. Percebo que a cada sessão J.A. é mais criativo, alegre e descontraído durante a realização da atividade lúdica.

Na quinta sessão J.A. recebeu como atividade lúdica um jogo dos sete erros. A atividade lúdica é sempre desenvolvida por J.A. com muito entusiasmo e satisfação. Foi rápido em descobrir os sete erros mostrando agilidade no pensamento quando a atividade é individual, ao contrário do jogo de regra.

Nos jogos e brincadeiras, às vezes tem iniciativa, liderança e espírito esportivo. Não apresenta atitude de cooperação e tem dificuldade quanto à aceitação de regras e limites.

3.4. Jogo de Regra

Na sequência foi trabalhado com a criança um jogo de regras. Nessa atividade J.A. sentiu muita dificuldade em seguir as regras pois demonstrava que não queria perder e não tinha o domínio do jogo. Como jogava sozinho e eu apenas observava, ele estava sempre tentando mudar as regras para que conseguisse êxito. Percebi que para ele perder é muito sofrido e humilhante e de acordo com relatos da criança, não gosta de jogar em grupos porque tem medo de perder e ser criticado. Aos poucos fomos conversando e o convenci de seguir as regras e arriscar perder ou ganhar, pois assim iria aprendendo a forma correta de se jogar e mais ainda teria mais chances de ser vencedor, mesmo que aqui ele perdesse.

Na quinta sessão, em continuidade ao trabalho iniciado com jogo de regras, propus a J.A. que jogássemos dama. O mesmo disse não gostar desse tipo de jogo, porque não gosta de perder e tem que pensar muito para conseguir jogar.

Durante a aplicação do jogo de regras, percebi que J.A. teve muita dificuldade em criar estratégias e de seguir as regras do jogo. Ele estava sempre

querendo mudar as regras e solicitando que eu o ajudasse a mexer com sua pedra. Senti nesse momento muita insegurança o que coincide com os relatos anteriores da mãe sobre sua timidez e medo.

O jogo de regra oferecido a J.A. foi o jogo Trilha onde inicialmente expliquei a ele as regras e iniciamos o jogo juntos; eu estava sempre fazendo as interferências no uso adequado das regras e das possibilidades e desafios que iam surgindo, justamente a fim de trabalhar a dificuldade da criança com esse tipo de jogo, a sua insegurança e medo.

3.5. Provas do Diagnóstico Operatório

No que se refere às provas operatórias, a primeira a ser aplicada foi a de Classificação: Intersecção de Classe. A avaliação foi resposta de nível dois, ou seja, pensamento intuitivo articulado. Na questão de inclusão de classe, teve dúvidas e respondeu errado a quarta questão. Em seguida foi aplicada a prova de Classificação: Inclusão de Classe; nela a criança obteve êxito na inclusão quantitativa, ou seja, resposta de nível 3.

Na segunda sessão, após um clima de satisfação mediante a realização de uma atividade lúdica, iniciamos as provas operatórias. A primeira delas foi a prova de Conservação: Pequenos conjuntos discretos de elementos. Nessa avaliação J.A. obteve êxito na correspondência operatória com equivalência, com juízos estáveis de conservação, mesmo com as contra-argumentações, utilizando argumentos de identidade e de compensação. A segunda prova da sessão aplicada foi também de Conservação: quantidade de líquido, onde J.A. também obteve êxito na conservação das quantidades, próprio do pensamento operatório concreto. Houve sempre a manutenção do juízo de conservação mesmo diante das contra-argumentações, apresentando argumentos de identidade e de reversibilidade (Piaget, 1975).

Em seguida foram aplicadas as provas operatórias de Conservação referentes à quantidade de matéria e ao peso. Na primeira delas J.A. obteve êxito na conservação de quantidade de matéria, conduta própria do pensamento operatório concreto. Durante toda a prova manteve o juízo de conservação com argumentações de identidade, compensação e de reversibilidade. Na segunda

aplicação a criança também obteve êxito com juízo de conservação mesmo com as contra argumentações. Apresentou também argumentos de identidade, reversibilidade e de compensação.

Na sétima sessão J.A. foi submetido a mais duas provas operatórias, a de Composição: quantidade de líquido e de seriação de palitos. Na primeira, suas respostas foram classificadas como de nível três, ou seja, a composição foi alcançada, nível operatório concreto. Na segunda prova obteve êxito por tentativas, pensamento intuitivo articulado. Faltou-lhe um esquema antecipatório e um método sistematizado, o que não sugere nenhuma hipótese diagnóstica pois obteve êxito e demonstrou condutas próprias do pensamento operatório concreto (Piaget, 1975).

3.6. Provas Projetivas Psicopedagógicas

A primeira prova projetiva aplicada a J.A. foi: Eu e meus companheiros. Os indicadores presentes no desenho que podem ser analisados são o tamanho total do desenho que é reduzido, o que pode significar uma pequena importância que ele atribuiu a esse vínculo. Quanto ao tamanho dos personagens todos, foram desenhados com o mesmo tamanho mostrando a valorização de todos na mesma proporção, ou seja, para ele, todos têm o mesmo valor em sua convivência e ainda indicando que todos possuem o mesmo vínculo com ele, pois, também as roupas e o rosto são bastante semelhantes em todos. Outro indicador relevante é a posição da criança com relação aos seus companheiros, ele foi colocado em um dos extremos indicando uma integração relativa com o grupo.

Com relação aos comentários sobre seus companheiros confirmam aquilo que foi desenhado. A criança relata que são apenas colegas e que brincam apenas quando estão na escola, não tendo nenhum laço de amizade maior denotando a integração relativa. Também em sua fala deixa claro que nenhum é mais importante que o outro e todos têm o mesmo valor para ele. Fica claro que sua inserção no grupo é superficial e que o mesmo não confere muita importância a esse vínculo.

Num segundo momento foi aplicada a ele a prova: Par educativo, que tem como objetivo investigar os vínculos da aprendizagem, relacionados aos objetos:

ao que ensina e ao que aprende. O desenho de J.A. no que se refere ao indicador detalhe do desenho, indica, quanto ao tamanho total, uma relação equilibrada entre o positivo e o negativo, na importância que este dá à aprendizagem. Já quanto ao tamanho dos personagens o ensinante é bem maior que o aprendiz, denotando uma supervalorização do docente. Em relação à posição, o desenho retrata um vínculo regular de aprendizagem pois os dois se encontram lado a lado e quanto ao local, a criança centrou-se sobre a aprendizagem pois desenhou o par no âmbito escolar.

A terceira sessão iniciou-se com a aplicação da Prova Projetiva Psicopedagógica: Família Educativa. Ao realizar essa prova que tem como objetivo estudar o vínculo de aprendizagem com o grupo familiar e de cada um dos seus integrantes, solicitei a J.A. que desenhasse sua família, fazendo o que cada um sabe fazer. No desenho aparecem mãe, pai e os irmãos, todos ativos. A mãe aparece lavando louças o que demonstra um caráter mais intimista do desenho; no entanto, o pai aparece no seu trabalho, ou seja, um caráter mais profissionalizante. O irmão de seis anos aparece assistindo televisão, o que pode indicar que em razão da menor idade ainda não é capaz de fazer nada e ele aparece cuidando de sua irmã bebê ou melhor, brincando com ela. Como mãe e pai trabalham, seja em casa ou fora dela, e os filhos apenas brincam pode-se demonstrar uma rigidez na estrutura familiar.

Seus personagens são todos com tamanho compatível com as idades, ou seja, a mãe é a maior, ele que é o mais velho vem logo depois da mãe no tamanho e em seguida o irmão do meio e a irmãzinha bebê.

As Provas Projetivas aplicadas sugerem vínculo regular de aprendizagem em relação ao ambiente escolar, por revelar uma pequena importância que a criança dá ao vínculo escolar e à supervalorização do docente em detrimento de sua desvalorização. As relações familiares representaram para a criança uma normativa do fazer em função da idade, sugerindo um padrão mais rígido.

3.7. Hora do Jogo

A Hora do Jogo possibilitou o levantamento de hipóteses sobre o tipo de relação que a criança estabelece com o objeto de conhecimento, mostrando sua

maneira de agir para conhecer, para aprender e para resolver uma situação problema identificada nas diferentes modalidades de aprendizagem. Segundo Fernández (1990), “a hora do jogo pode oferecer uma compreensão a respeito de alguns processos que podem ter levado à instalação de alguma patologia no aprender”. Com esse trabalho foi possível observar que a criança não é muito tolerante à frustração e demonstrou muita resistência ao novo, à criação, o que remete ao diagnóstico de timidez excessiva e insegurança já antes observada.

3.8. Avaliação Pedagógica – Provas Pedagógicas, Observação do Material Escolar e Entrevista com a professora

A quarta sessão teve como objetivo a avaliação do nível pedagógico que foi direcionado com a queixa: dificuldades em leitura e escrita. Para avaliar o desenvolvimento da leitura foram utilizados livrinhos de história. Solicitei que escolhesse um e fizesse a leitura silenciosa do mesmo. Em seguida indaguei-o sobre o que se referia a história. A criança teve dificuldades em sintetizar a história, misturando acontecimentos e personagens. Posteriormente solicitei a leitura oral de um trecho e verifiquei a dificuldade no deslocamento de letras e sílabas, a junção e omissão de letras e sílabas e a troca de algumas letras. Nesse momento confirmei a necessidade de encaminhamento fonoaudiológico.

Na avaliação da escrita, analisei tanto a prova pedagógica de língua portuguesa como a de matemática, bem como a escrita de um texto resumo da história lida. Percebi a presença de letras e números espelhados e a supressão de letras e sílabas ao escrever.

Observei que não tem dificuldades em matemática, conforme relatos da mãe e da escola pois fez toda a prova com tranquilidade e obteve 95% de aproveitamento, apresentando apenas problemas com a escrita.

Durante a aplicação da prova de Língua Portuguesa a queixa apresentada ia ficando cada vez mais clara. Foi bastante lento o processo pois a criança apresenta muita dificuldade em leitura e na interpretação do que consegue ler.

Percebi nesse período que J.A. fica irritado em certos momentos e em outros parece triste e com medo. Muitas vezes queria desistir da questão e deixá-la em branco por não entender o que era solicitado. Apresentou dificuldades

também na escrita. Na observação geral da prova ele foi bem, mas todas as questões tiveram que ser lidas por mim por várias vezes para que conseguisse responder.

Com relação à observação do material escolar foi possível perceber os problemas de grafia e organização, já observados em outros momentos. Apesar de J.A. estar apresentando progressos, ainda é preocupante o seu quadro, o que me leva a crer na necessidade de uma observação mais precisa nesse aspecto, uma vez que a criança possa estar apresentando disgrafia que também é chamada de letra feia. Isso acontece devido a uma incapacidade de recordar a grafia da letra. Ao tentar recordar este grafismo, escreve muito lentamente; acaba unindo inadequadamente as letras, tornando a letra ilegível. Algumas crianças com disgrafia possuem também uma disortografia. No caso, acredito que J.A. pode ser uma delas.

Ainda a partir da análise do material, pode-se perceber que esses distúrbios não interferem em suas capacidades intelectuais, pois alcançou as estruturas de pensamento próprias da idade, é autônomo na construção do conhecimento e na capacidade argumentativa satisfatória.

Na observação das provas pedagógicas, ficaram claras as dificuldades referentes à leitura e interpretação, bem como na escrita, pela presença de letras espelhadas, a supressão de letras e sílabas ao escrever, e a dificuldade no deslocamento de letras e sílabas, a junção e omissão de letras e sílabas e a troca de algumas letras durante a leitura oral.

Na análise do material, todas essas dificuldades foram comprovadas e constatado ainda que J.A. pode ser disgráfico e disortográfico, por todas as dificuldades e limitações apresentadas ao longo de todo o processo de diagnóstico.

Com relação à entrevista com a professora, também houve a confirmação da queixa e das dificuldades encontradas na avaliação realizada.

Na análise das respostas dadas pela professora no questionário apresentado a ela, ficam evidentes algumas questões já verificadas durante outras etapas do diagnóstico. Os problemas de grafia e de organização já verificados foram confirmados por ela e também as características da personalidade tímida, medrosa e retraída da criança. O fato de usar muito a borracha, calçar muito o lápis e estar sempre deitado na carteira, possibilita o

diagnóstico de disgrafismo e disortografismo percebidos anteriormente.

Informalmente, a professora relatou que tem trabalhado muito com a criança, no sentido de tentar diminuir a sua timidez e medos e que acredita estar tendo respostas positivas.

4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

O diagnóstico é em si uma investigação que segue parâmetros definidos pelo psicopedagogo, para buscar as causas de uma queixa do sujeito, da família ou da escola. O foco do diagnóstico é o obstáculo no processo de aprendizagem. O objetivo do diagnóstico não é a inclusão do sujeito em uma categoria do não aprender, mas obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo neste processo que leve a um prognóstico e encaminhamento para o problema de aprendizagem. Procura-se organizar os dados obtidos em relação aos diferentes aspectos envolvidos no processo de aprendizagem de forma particular, pertencentes somente àquele sujeito investigado.

J.A., nascido em 20/08/2002, atualmente com oito anos e um mês de idade. Foi encaminhado para avaliação psicopedagógica pelo C.S.F.A. O encaminhamento psicopedagógico partiu da queixa de que o sujeito em questão tem limitações quanto à socialização, por ser muito tímido e apresenta muita dificuldade em leitura e escrita.

A avaliação deu-se no período de 21/06/2010 a 16/07/2010, com dois encontros semanais, com duração de 60 minutos, totalizando 16 horas de análise diagnóstica. Na consecução do diagnóstico foram utilizados os seguintes recursos avaliativos:

- Anamnese
- Entrevista com o cliente
- Atividades Lúdicas (quebra-cabeça, jogo da memória, jogo dos sete erros, blocos pedagógicos)
- Jogos de Regra (resta um, dama e trilha)
- Provas Operatórias
- Provas Projetivas Psicopedagógicas
- Hora do Jogo
- Avaliação Pedagógica incluindo a aplicação de provas, entrevista com a professora e análise do material escolar.

Após a análise dos dados obtidos durante o processo de investigação foi possível constatar que:

No **aspecto orgânico e corporal**, o analisado apresentou dificuldades quanto à psicomotricidade e coordenação motora fina, bem como no que tange à lateralização e relações espaciais. Apresenta alterações na visão, visto que a criança tem dificuldades nas visualizações gráficas à distância e apresenta o incômodo com uma insistente coceira nos olhos. Na área **cognitiva** detectou-se alterações quanto à memória, à antecipação e sistematização, no entanto o que não influencia no desenvolvimento global pois apresenta estágio de pensamento operacional-concreto maduro; deficiências quanto à competência lingüística, pois apresenta leitura e escrita no nível silábico além de sérias limitações na interpretação de fatos e na associação de idéias.

No nível **emocional** foram percebidos sentimentos de medos, além de insegurança nas relações extra-familiares e sociais, impedindo, assim, vínculos importantes para o seu desenvolvimento afetivo; a angústia, o medo e as tensões são direcionadas para a retração e timidez. Já no nível pedagógico ficam evidenciados dois distúrbios: o disgrafismo e o disortografismo. A disgrafia parece ser do tipo motora, pois a criança consegue falar e ler, mas encontra dificuldades na coordenação motora fina para escrever as letras, palavras e números, ou seja, vê a figura gráfica mas não consegue fazer os movimentos para escrever. Isso ficou evidente quando se percebe lentidão na escrita, letra ilegível, escrita desorganizada, traços irregulares ou muito fortes que chegam a marcar o papel, desorganização geral na folha por não possuir orientação espacial, desorganização do texto pois não observa a margem, parando muito antes ou ultrapassando.

O tratamento requer uma estimulação lingüística global e um atendimento individualizado complementar à escola. Reforçar o aluno de forma positiva sempre que conseguir realizar uma conquista e na avaliação escolar, dar mais ênfase à expressão oral.

Já com relação à disortografia são as confusões de letras, sílabas de palavras e trocas ortográficas já observadas no diagnóstico realizado. As trocas de letras que se parecem sonoramente, a confusão de sílabas, as adições e omissões e ainda desorganização das letras: letras retocadas, hastes mal feitas, atrofiadas, omissão de letras, palavras, números, formas distorcidas, movimentos contrários à escrita (um S ao invés do 5 por exemplo), desorganização das

formas: tamanho muito pequeno ou muito grande, escrita alongada ou comprida, o espaço que dá entre as linhas, palavras e letras irregulares e ligação de letras de forma inadequada e com espaçamento irregular.

No que se refere à modalidade de aprendizagem levantada a partir das observações e relatos tende a ser equilibrada com boa acomodação e assimilação, no entanto a criança é insegura e apresenta medos o que pode sugerir que age mais na estrutura da hiperacomodação. Se acomodar-se é abrir-se para a internalização, o exagero disto pode levar a uma pobreza de contato com a subjetividade, levando à submissão e à obediência acrítica. Essa sintomatização está associada a hipoassimilação.

A aprendizagem normal pressupõe que os movimentos de assimilação e acomodação estão em equilíbrio. O que caracteriza a sintomatização no aprender é predomínio de um movimento sobre o outro. Acredito que no caso de J.A. a acomodação predomina, pois não empresta sentido subjetivo aos objetos, antes, resigna-se sem criticidade. A rigidez familiar produzir sujeitos muito acomodativos pois nesse modelo familiar a reprodução dos padrões é mais valorizada que o desenvolvimento da autonomia e da criatividade

Em síntese, estes aspectos, ao serem analisados separadamente configuram um quadro com pistas que podem explicitar mais claramente as causas do comportamento apresentado pelo analisado. Ao integrar os resultados obtidos durante todo o processo de investigação à queixa inicial, podemos entender o que sinaliza o sintoma – um comportamento, expresso pela timidez e retração agregado a sérias dificuldades de leitura e escrita. Sendo assim, perceber o ser integral possibilita entender o que ele traz em sua superfície, o que ele apresenta como comportamento destoante e que surpreende a escola e a família.

5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

Em suma, a hipótese diagnóstica evidencia obstáculos que dizem respeito a dois distúrbios: a disgrafia e a disortografia e na área emocional os sentimentos de medos e insegurança nas relações extra-familiares e sociais, direcionados para a retração e timidez que talvez tenham sido geradas pela rigidez com que a família trata as questões escolares. .

Portanto, quanto às recomendações necessárias ao desenvolvimento desta criança considera-se:

- intervenção psicopedagógica com inclusão de jogos terapêuticos e de regras que viabilizem a ressignificação do ganhar e perder, do medo de arriscar e da insegurança dos desafios;

- atividades contextualizadas de escrita e leitura com a utilização de variados portadores de textos para que a construção das hipóteses linguísticas possa ser elaborada com segurança;

- trabalho pedagógico que considere a singularidade do sujeito dentro do grupo e valorize seu conhecimento de mundo, realizado a partir de um planejamento flexível, com objetivos claros e estratégia metodológica criativa e desafiadora que combine os diferentes estilos de aprendizagem: Sinestésico, Visual, Auditivo;

- nova avaliação oftalmológica.

- acompanhamento fonoaudiológico voltado para o tratamento da disortografia e a disgrafia;

- atividades de psicomotricidade para desenvolver a coordenação motora fina.

6. CONCLUSÃO

No trabalho psicopedagógico temos no período diagnóstico a chave para alcançar a(s) causa(s) do(s) sintoma(s) apresentado(s) pelo sujeito. Muitas são as técnicas e ações adotadas que nos levam a diagnosticar a(s) causa(s) do(s) sintoma(s).

No entanto, é importante ter-se clara a idéia de que o diagnóstico não pode apresentar a presunção de rotular um motivo das dificuldades apresentadas, mas sim, direcionar o profissional ao mundo do sujeito tendo a sensibilidade de enxergar o(s) motivo(s) de seu sofrimento.

Vimos, durante o trabalho, que o período diagnóstico faz parte de um processo no qual devemos vivenciar e interagir com um ser que apresenta um universo que, passo a passo, se abrirá na clínica e que até mesmo neste período poderá sofrer alterações.

Este estudo buscou direcionar a uma hipótese diagnóstica sem a pretensão de ser verdade absoluta, mas, sim, de viabilizar um encaminhamento inicial com a continuidade do acompanhamento do caso a fim de se chegar a resultados eficazes na superação das dificuldades apresentadas no diagnóstico.

7. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marcia Siqueira de. **Psicopedagogia Clínica: Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbio de Aprendizado**. Ed. Póllus Editorial. São Paulo:1998.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

_____. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como Tratá-las?** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

BRENELLI, R. P. **O jogo como espaço para jogar**. Campinas: Papyrus, 1996.

CARRAHER, T. N. **O Método Clínico: usando os exames de Piaget**. 5ª edição. São Paulo, SP: Cortez, 1998

CHAFIC, Jbeili. **Cinco regras de Ouro em diagnóstico psicopedagógico**. Disponível em www.chafic.com.br. Acesso em 10/08/2010.

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica das crianças e sua família**. Editora Artes Médicas: Porto Alegre, 1990, p. 126.

GONÇALVES, J. E. **Jogos: como e porque utilizá-los na escola!** Disponível em: <<http://www.aprender-ai.com>>. 1999. Acesso em 10/08/2010.

_____. **A utilização do lúdico no diagnóstico psicopedagógico**. Disponível em <<http://www.aprender-ai.com>> 2002. Acesso em: 10/10/2010.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. São Paulo, Editora Cortez, 2000.

MACEDO, L. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

_____. **Quatro cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MALUF, M. I. **Preguiça Escolar ou Dificuldades de Aprendizagem?** Jornal da Educação. Ano XVII. N. 184, junho (2005).

MATOS, Anita. **A importância do lúdico em psicopedagogia**. Resumo escrito: em <http://pt.shvoong.com/writers/anitamatos/> Acesso em: 12/07/2010.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médica, 1992.

PIAGET, J. **O desenvolvimento do pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1975.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia: Contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SIQUEIRA, de Ocampo Maria Luísa (orgs) **“Processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas”**. 9ª Ed. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

SISTO, F. F. **Contribuições do Construtivismo à Psicopedagogia**. In: SISTO, Fermio Fernandes; 1996.

VYGOTSKY, L.S. - **O Desenvolvimento Psicológico na Infância**. Tradução Cláudia Berliner. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

_____. **Psicopedagogia: novas contribuições**; organização e tradução Andréa Morais, Maria Isabel Guimarães – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. Buenos Aires: Visca & Visca Editores, 2008.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

8. ANEXOS

ANEXO 1- ROTEIRO DE ANAMNESE

Quem trouxe a criança: E.S.R.

Grau de Parentesco: mãe

IDENTIFICAÇÃO

Nome: J.A.R.M.

Idade: 8 anos

Sexo: Masculino

Local de data de nascimento: Anápolis,

Endereço: Rua Cristalina Qd. 48 Lt. 623 A Vila Jaiara

Telefone: 3315-5400

Cidade: Anápolis

Escola: C.S.F.A.

Escolaridade: Ensino Fundamental **Período Escolar:** 3º ano

Endereço da Escola: Av Saõ Francisco nº 341 Jundiaí

Telefone da escola: 3327-0424

Nome da professora: Luciana

DADOS FAMILIARES

Nome do Pai: R.M.S.

Grau de Instrução: Ensino Fundamental Completo **Profissão:**

Comerciante

Idade: 33

Naturalidade: Anápolis

Nome da mãe: E.S.R.

Grau de instrução: Superior Profissão: Professora

Idade: 35

Naturalidade: Anápolis

Religião dos pais: Católica

Outros Filhos:

Nome: J.P.R.M

Idade: 06

Escolaridade: Jd. II

Nome: A.J.R.M.

Idade: 01

Escolaridade: -

QUEIXA OU MOTIVO DA CONSULTA

Criança muito tímida, com dificuldades de leitura e escrita.

Desde quando há o problema? Desde a Educação Infantil

Já procurou outros especialistas? Quais? Não.

Está fazendo algum tipo de tratamento médico, psicológico, psiquiátrico ou neurológico? Não.

ANTECEDENTES PESSOAIS

Gestação

Fez alguma transfusão durante a gravidez? Não

Quando sentiu a criança se mexer? A partir do 3º mês.

Levou algum tombo? Não

Doenças durante a gestação: Não

Condições emocionais: Regular, passou por perda de ente querido.

Houve algum episódio marcante durante a gravidez? A perda do ente querido, deixou-a frágil emocionalmente.

Condições de nascimento

Nasceu de quantos meses? 9 meses

Com quantos quilos? 3. 510 Kg Comprimento: 51 cm

Desenvolvimento do parto: Normal

Prematuro? Não A termo? Sim

Primeiras Reações

Chorou logo? Sim

Ficou vermelho demais? Não

Ficou preto? Não

Precisou de oxigênio? Não

Ficou icterício? Sim

DESENVOLVIMENTO

Saúde

A criança sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia? Não

Possui reações alérgicas? Sim

Tem bronquite ou asma? Bronquite

Apresenta problemas de visão? Sim. Astigmatismo

E de audição? Não

Dor de cabeça? Sim

Já desmaiou alguma vez? Não. Quando? – Como foi? _

Teve ou tem convulsões? Teve com dois meses de idade.

Há alguém na família que apresenta problemas de desmaios, convulsões, ataques? Não

Alimentação

A criança foi amamentada? Sim Até quando? Seis meses

Como é a sua alimentação? Normal. Alimenta-se bem

É forçada a se alimentar? Não

Como se derrubar a comida? Sim

Recebe ajuda na alimentação? Não.

Sono

A criança dorme bem? Não

Como é seu sono? É bastante agitado.

Fala dormindo? Às vezes

É sonâmbulo? Não

Range os dentes? Não

Dorme em quarto separado dos pais? Não

Com quem dorme? Com o pai.

A criança acorda e vai para a cama dos pais? –

Desenvolvimento Psicomotor

Como era quando bebê? Normal

Em que idade:

Firmou a cabeça: 4 meses

Sentou sem apoio: 6 meses

Engatinhou: 8 meses

Ficou de pé? 1 ano

Andou? 1 ano e 8 meses

Teve controle dos esfíncteres

Anal diurno: 2 anos

Anal noturno: 2 anos e meio

Vesical diurno: 2 anos e meio

Vesical noturno: 3 anos.

Como foi ensinado esse controle? Uso do troninho e retirada da fralda

É lento para realizar alguma tarefa? Sim

Veste-se sozinho? Sim Toma banho sozinho: Sim

Calça-se sozinho? Não Sabe dar nó no sapato? Não

É desastrado? Sim

Anda de bicicleta? Sim Desde quando? 3 anos

Pratica esportes: Não

É destro ou canhoto? Destro

Foi exigido que usasse uma das mãos para escrever ou comer? Não

Em casa quem escreve com a mão direita? Todos.

E com a esquerda? Ninguém.

Rói unhas? Sim Chupa dedos? Não

Tem outra mania ou tic? Qual? Não.

Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? Sim

ESCOLARIDADE

A criança gosta de ir á escola? Sim.

É bem aceita pelos amigos ou é isolada? Bem aceita.

Já repetiu a série alguma vez? Não.

Gosta de estudar? Sim Tem o hábito de leitura? Sim

Faz as lições que os professores passam? Sim

Os pais estudam com a criança? Sim

Mudou muitas vezes de escola? Não.

Vai bem em matemática? Sim

Tem dificuldades em leitura e escrita? Sim

É irrequieta na escola? Não

Quais as principais dificuldades encontradas na escola? Leitura e escrita.

O que os professores acham dela? É uma criança tímida e retraída.

LINGUAGEM

Quando usou as primeiras palavras com significado? 3 anos

Gagueja? Não Troca letras quando fala? Sim

Relata fatos vivenciados? Sim

Em alguma época notou alguma alteração na comunicação? Sim Qual?

Atraso na fala.

Descreva a comunicação atual. Sua fala apresenta muitas trocas de letras.

SEXUALIDADE

Foi feita alguma educação sexual? Sim Quem fez? A mãe.

Como foi? Reconhecimento das partes íntimas com nomes e funções.

Tem curiosidade sexual? Sim

Os pais conversam sobre sexualidade com a criança? Às vezes, quando pergunta.

ASPECTOS AMBIENTAIS

Prefere brincar sozinha ou com amigos? Sozinha

Prefere brincar com crianças maiores ou menores que ela? Menores

Faz amigos com facilidade? Não

Adapta facilmente ao meio? Não

Como é o relacionamento da criança com os pais? Bom.

E com os irmãos? Bom

Quais as medidas disciplinares normalmente usadas com a criança?

Cantinho para pensar e privações de atividades preferidas.

Quem as usa? Os pais

Quais as reações da criança frente a essas medidas? Acata.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E AFETIVO-EMOCIONAIS

Como é a criança sob o ponto de vista emocional? Parece ter dois extremos, às vezes é muito calma e lenta e às vezes é agitada e nervosa.

Dentre as características abaixo em quais ela se enquadra mais?

Agressiva ()

Medrosa (x)

Passiva ()

Retraída (x)

Dependente ()

Excitada ()

Irriquieta ()

Desligada ()

Outros ()

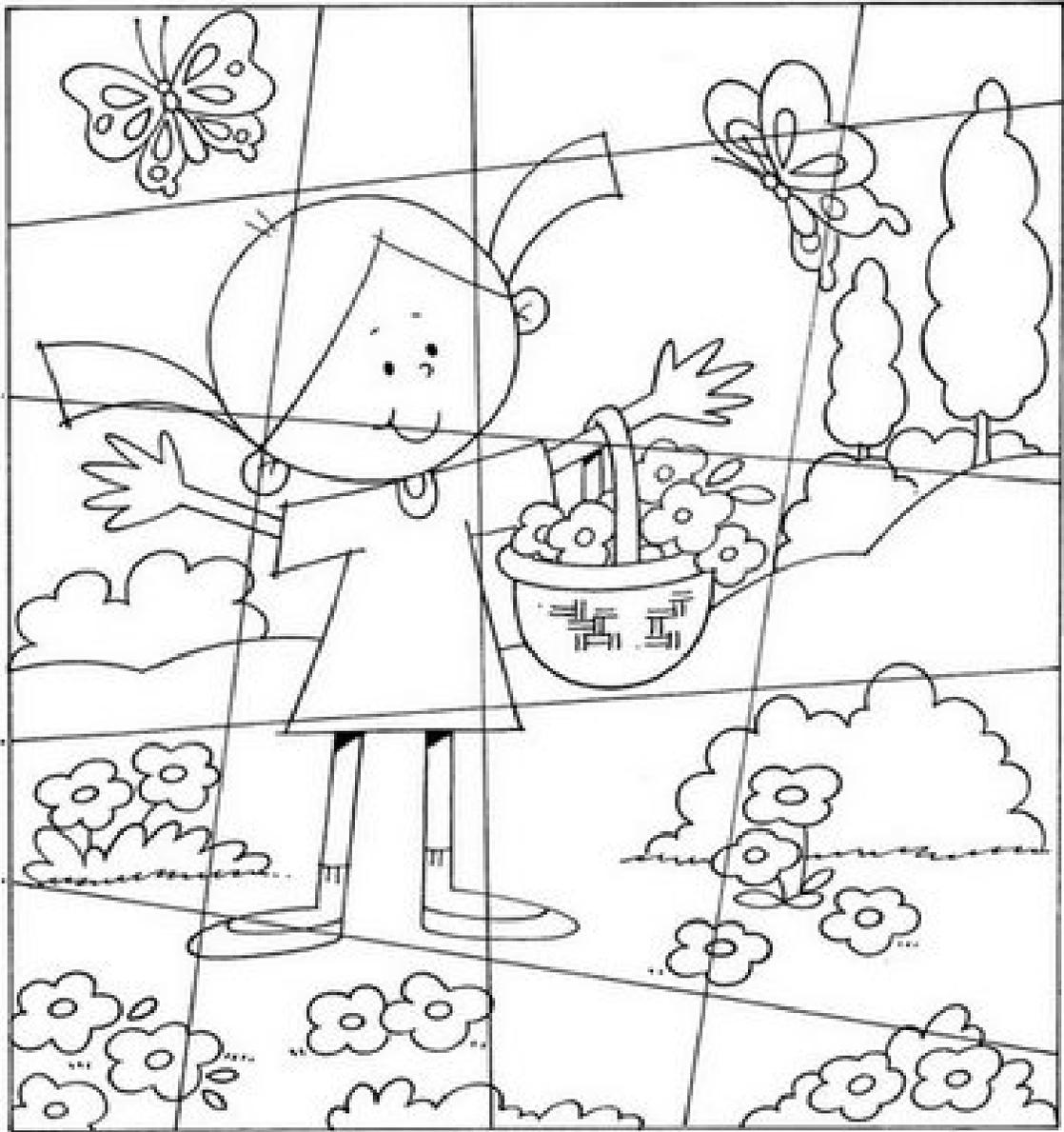
Como reage quando contrariada? Às vezes é calma e às vezes se descontrola.

Atividades preferidas: Televisão, bicicleta e bola.

ATIVIDADES DIÁRIAS DA CRIANÇA

Descreva o dia-a-dia da criança desde quando acorda até a hora de dormir.

Acorda e se arruma para ir à escola, chega às 12:30 hs, almoça e assiste televisão até às 15:00 horas. Lancha, faz as tarefas da escola e depois brinca até as 18:30. Toma banho, janta e assiste televisão até as 20:30 hs e vai dormir.



Solicitar que reconheça o material e nomeie-o e dê as características:

Círculos de papel, círculos pequenos azuis e amarelos, quadrados pequenos e azuis.

Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

Por que elas estão dentro dos dois círculos grandes.

Existem aqui mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

Redondas.

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me.

O mesmo tanto.

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas redondas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me.

Mais fichas azuis.

AValiação: Resposta de nível 2. Intuitivo articulado.

ANEXO 04 - PROVA OPERATÓRIA: Classificação: Inclusão de Classes

Solicitar que reconheças as flores e nomeie-as:

Margaridas e rosas.

Margaridas são flores?

Sim

Rosas são flores?

Sim.

Você conhece outras flores? Quais?

Sim. Cravos e orquídeas.

Nesta ramo há mais margaridas ou mais flores? Como você sabe?

A mesma quantidade pois margaridas são flores. Não. Mais flores, pois só tem 10 margaridas e 13 flores.

Obs. Inicialmente ele não havia entendido a pergunta.

Vamos imaginar que existam duas crianças que querem fazer ramos. Uma faz um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com flores. Qual ramo tem mais flores?

A de flores, pois terá as margaridas e as rosas.

Se eu te der as margaridas o que sobra no meu ramo?

Três rosas.

Se eu te der as flores o que sobra no meu ramo?

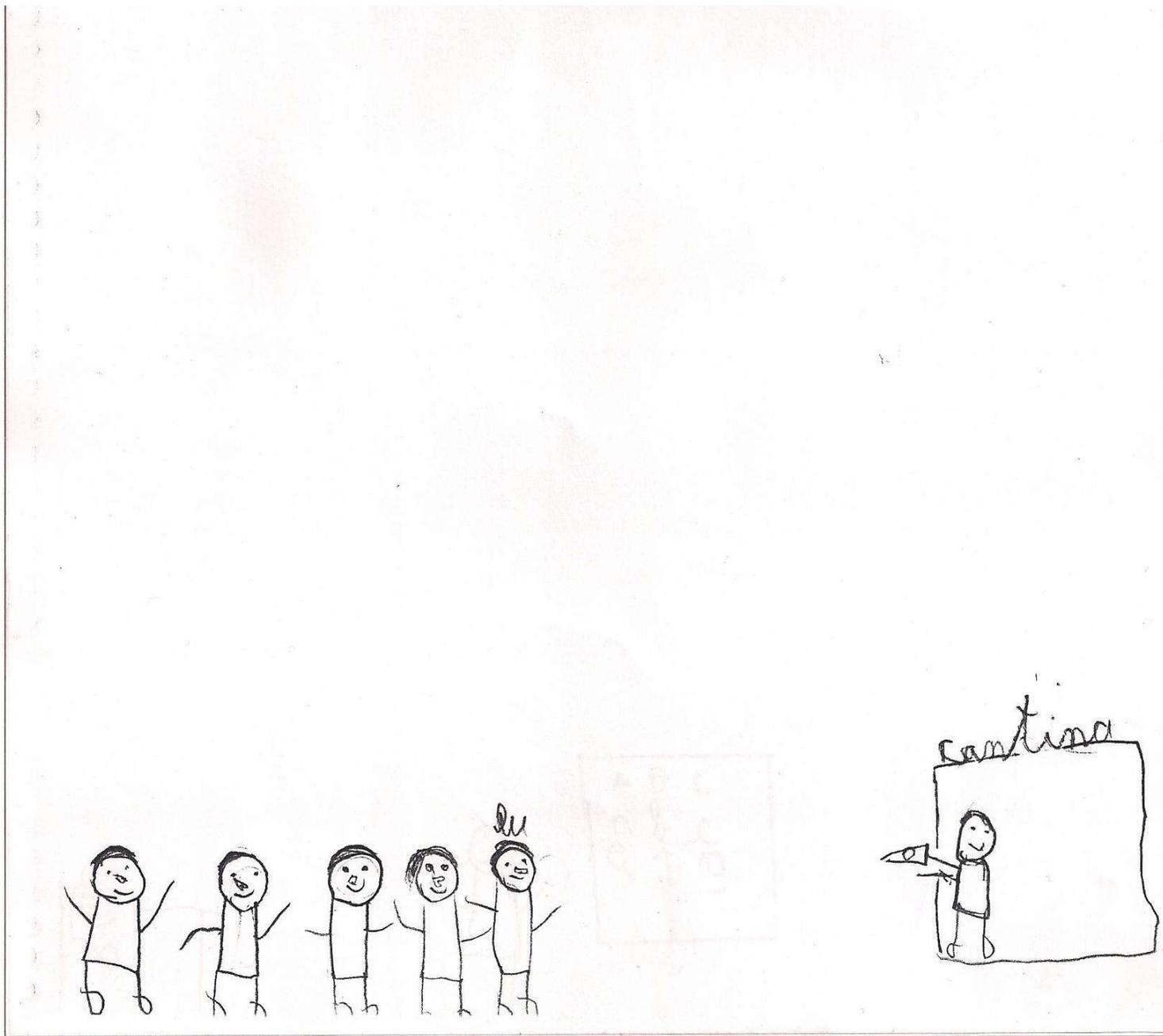
Nada.

Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

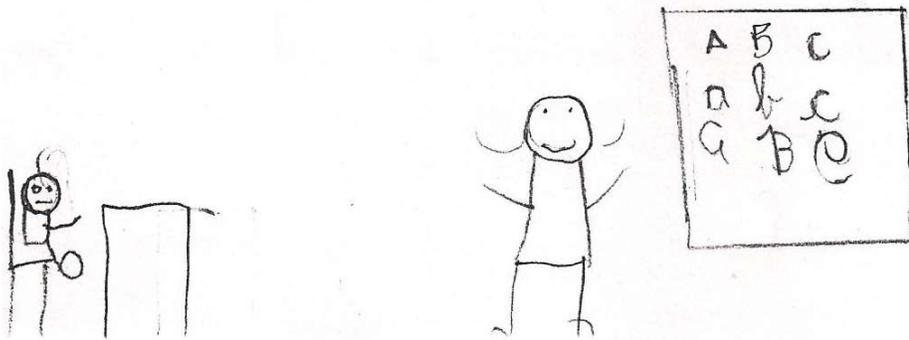
Eu, porque eu vou usar as margaridas e também as outras flores, as rosas.

AValiação: Resposta de nível 3. Êxito na inclusão quantitativa.

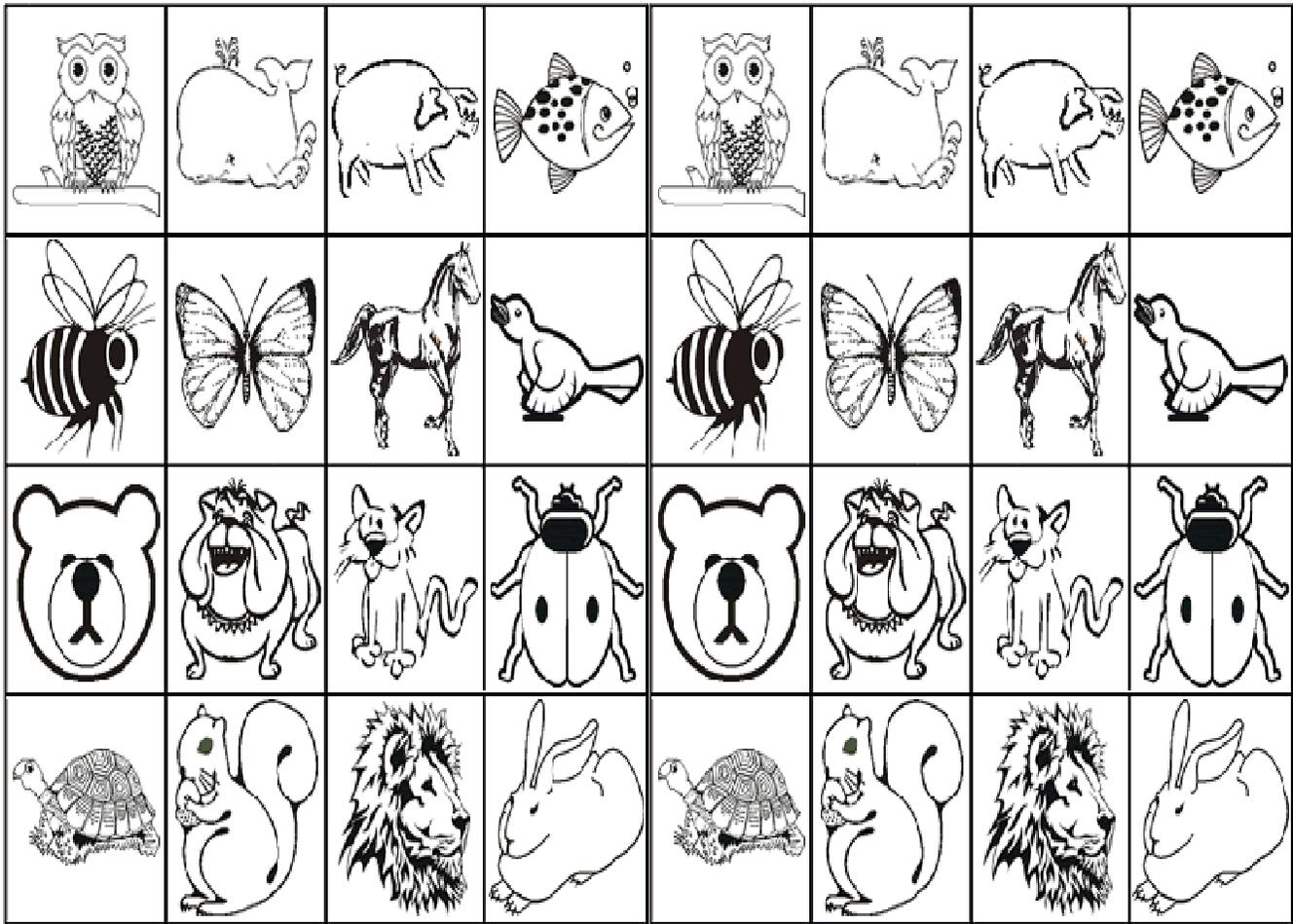
ANEXO 05 – PROVA PROJETIVA: EU E MEUS COMPANHEIROS



ANEXO 06 – PROVA PROJETIVA: PAR EDUCATIVO



ANEXO 07: JOGO DA MEMÓRIA



ANEXO 08 - PROVA OPERATÓRIA: Conservação: Pequenos Conjuntos discretos de Elementos

1- Correspondência em fileira:

O que você está vendo?

Círculos coloridos, duas cores diferentes.

Solicitar que a criança escolha a cor branca ou azul.

Dispor as fichas da outra cor que sobrou em fileiras e propor que o aprendiz faça o mesmo na equivalência um a um.

Perguntar, se há o mesmo tanto em cada fileira. Como você sabe?

Sim, porque eu contei.

Espaçar mais as fichas e perguntar ao aprendiz: E agora aonde há mais fichas? Como você sabe?

Continua o mesmo tanto. Você não tirou e nem colocou fichas só afastou elas.

Se a resposta é de conservação o experimentador chama atenção sobre a configuração espacial. Mas olha esta linha é mais comprida. Não parece que a maior tem mais que a outra?

Não elas só estão mais longe umas das outras.

Se a resposta é de não-conservação, o experimentador recorda a equivalência inicial e diz: um outro menino me disse que havia a mesma quantidade de fichas brancas e azuis. O que acha disso?

Agora o experimentador junta suas fichas e pergunta sobre a quantidade de fichas, assegurando a equivalência. Pede-se que o aprendiz justifique suas

respostas.

Continua o mesmo tanto, só que agora você juntou.

Em seguida, o experimentador esconde suas fichas e pede que o aprendiz conte as fichas sobre a mesa, depois lhe pergunta: Poderia me dizer quantas fichas tenho aqui em minha mão? Como você sabe?

Três, porque eram sete no início agora ficaram quatro então você tem três na sua mão.

2- Correspondência em círculo

Reúne-se as 10 fichas de cada cor e o experimentador dispõe 7 ou 8 em círculo e procede da mesma maneira anterior, sendo que a criança dispõe suas fichas em uma coleção igual.

Uma vez constituídas as duas coleções o experimentador faz uma pilha com suas fichas e faz as mesmas perguntas da primeira etapa.

Comentários do aprendiz:

A quantidade é sempre a mesma, o que muda é só o jeito que está colocando as fichas, juntas, separadas em fila em círculo, não tirou e nem colocou mais fichas.

AValiação: Resposta de nível 3. Correspondência operatória com equivalência com juízos estáveis de conservação. Nas justificativas a criança utilizou argumentos de identidade, de compensação.

ANEXO 09 - PROVA OPERATÓRIA: Conservação: Quantidade de líquido- Transvazamento

Constatar que os recipientes A1 e A2 são idênticos.

Colocar água no copo A1 e pedir que o aprendiz coloque a mesma quantidade de água em A2.

1- Se eu tomar esse líquido A1 e você tomar aquele A2, vamos tomar a mesma quantidade? Como você sabe?

Sim. Porque os copos são iguais e a quantidade colocada foi a mesma.

1º Transvazamento:

Se colocarmos a água de A2 em B, teremos a mesma quantidade de bebida para tomar, ou alguém terá mais ou menos? Como você sabe?

Sim. A quantidade de água é a mesma só mudou o tamanho do copo.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas, aqui B subiu mais, você não acha que isso faz com que haja mais para beber aqui? Como você sabe?

Não. Você não colocou mais água, é a mesma quantidade, só o copo é diferente.

Em caso de não-conservação, lembrar a criança a igualdade de quantidade inicial:

“Você se lembra como havia colocado líquido nos dois copos? Ou Mas aqui é estreito, enquanto o outro é mais largo, pode ser, então que isto faça com que haja mais líquido aqui A1?”

Retorno Empírico:

Se eu voltar a colocar o líquido nesse copo A2, haverá ou não a mesma quantidade para beber que no outro A1?

Sim, a mesma quantidade.

Voltar a água de C em A2 e igualar as quantidades, se necessário e novamente perguntar: Se você tomar esse líquido A1 e eu tomar aquele A2, vamos tomar a mesma quantidade de líquido? Como você sabe?

Sim. A quantidade de água não mudou.

3º Transvazamento

Se colocarmos a água de A2 em D1-D2-D3-D4, teremos a mesma quantidade de bebida para tomar, ou alguém terá mais ou menos? Como você sabe?

A mesma. A água do copo foi dividida em partes iguais nos quatro copos.

Em caso de resposta correta contra-argumentar.

Mas, aqui D1-D2-D3-D4 tem mais copos, você não acha que isso faz com que haja menos para beber aqui? Como você sabe?

Não você não colocou nada mais do que já estava no copo, então é a mesma quantidade.

Em caso de não conservação, lembrar a criança a igualdade inicial:

“Você se lembra como havia colocado líquido nos dois copos? Ou Mas aqui D1-D2-D3-D4 são em maior quantidade, enquanto o outro é só um, pode ser, então que isto faça com que haja mais líquido aqui D1-D2-D3-D4?”

Retorno Empírico

Se eu voltar a colocar o líquido nesse copo (A2), haverá ou não a mesma

quantidade para beber que no outro A1?

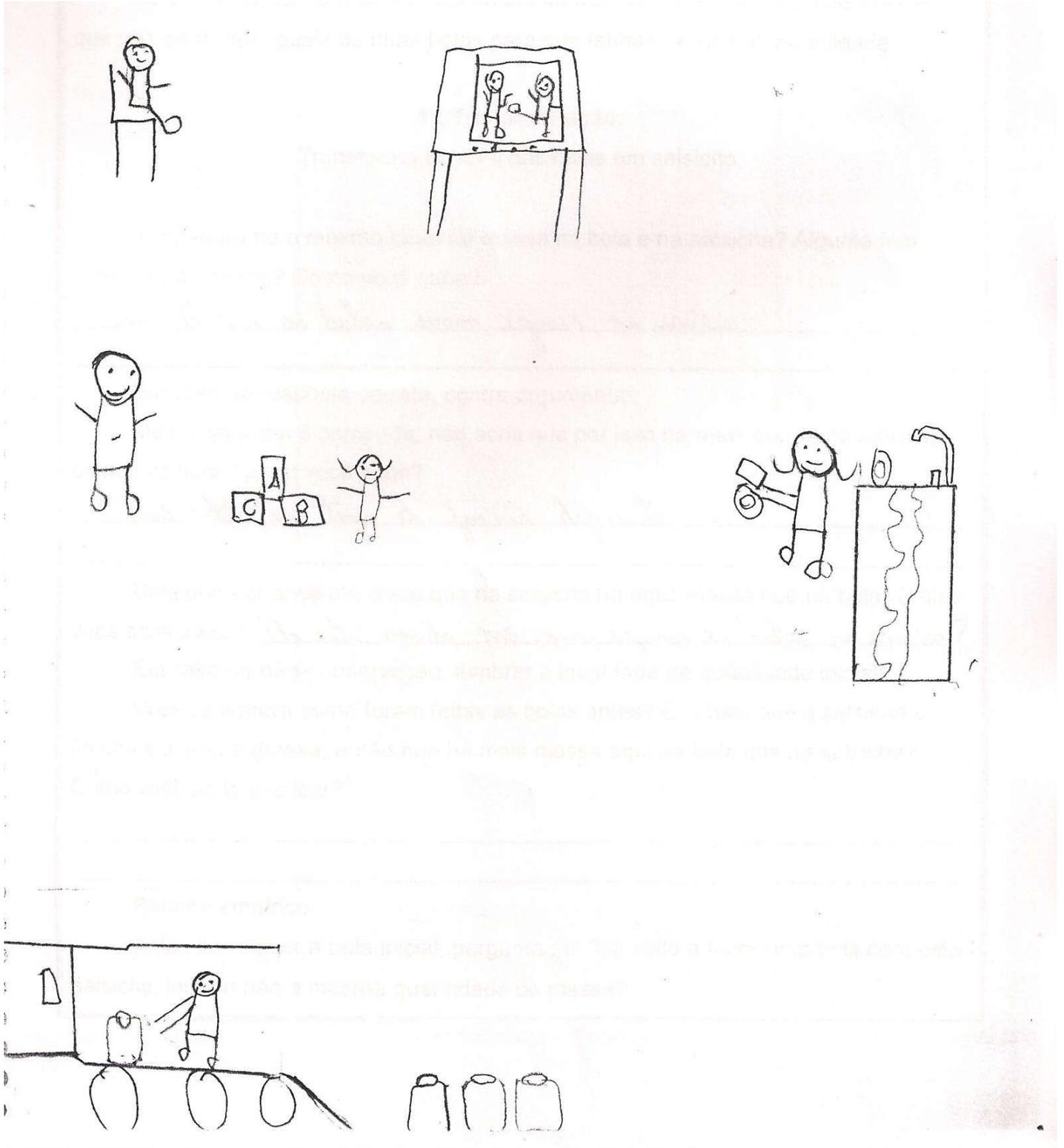
Sim, o mesmo tanto.

Voltar a água de D1-D2-D3-D4 em A2 e igualar as quantidades, se necessário e novamente perguntar: Se você tomar esse líquido A1 e eu tomar aquele A2, vamos tomar a mesma quantidade de líquido? Como você sabe?

Sim. Você só trocou a água de lugar ele é sempre o mesmo tanto, você não colocou mais.

AValiação: Êxito na conservação das quantidades de líquido.
Pensamento operatório concreto. Houve a manutenção do juízo de conservação em todas as contra-argumentações utilizando-se dos argumentos de identidade e de reversibilidade.

ANEXO 10: PROVA PROJATIVA FAMÍLIA EDUCATIVA



ANEXO 11 –PROVA OPERATÓRIA CONSERVAÇÃO: QUANTIDADE DE MATÉRIA

Apresentar duas bolas de massa de modelar de cores diferentes.

Perguntar se tem a mesma quantidade de massa numa e noutra. Caso disser que não, pedir que iguale as duas bolas para que tenham a mesma quantidade.

1ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em salsicha.

1- E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e na salchicha? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

Porque as bolas eram iguais no início.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais massa na salsicha do que na bola. Como você sabe?

Não. Ela só tem a forma diferente.

Uma outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

Ela está errada, não eram iguais as bolas no início?

Em caso de não-conservação, lembrar a igualdade de quantidade inicial.

Retorno Empírico:

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se. Se volto a fazer uma bola com esta salsicha, terá ou não a mesma quantidade de massa?

Sim, você não colocou mais massinha aí.

Faz-se novamente duas bolas certificando que tem a mesma quantidade.

2ª Transformação

Transforma-se as duas bolas em salsicha.

1- E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

O mesmo tanto. Só as formas são diferentes.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a bolacha é maior , mas é mais fina, a bola é menor mas é mais grossa. A quantidade de massa é igual nas duas.

Retorno empírico:

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: Se volto a fazer uma bola com esta bolacha, terá ou não a mesma quantidade de massa?

Sim. Você vai voltar o que era antes, a forma, não vai tirar e nem colocar mais massinha.

ANEXO 12 –PROVA OPERATÓRIA CONSERVAÇÃO: PESO

Apresentar duas bolas de massa de modelar de cores diferentes.

1ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em salsicha.

1- Você acha que a salchicha pesa o mesmo que a bola? Como você sabe?

Porque elas tinham o mesmo peso no início.

2- Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

Não. Só mudou a forma da bola, mas ela tem o mesmo peso.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais na salsicha do que na bola. Como você sabe?

Não. Você não colocou mais massinha aí, então tem o mesmo peso..

Uma outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

Ela está errada.

Em caso de não-conservação, lembrar a igualdade de quantidade inicial.

Mas, se a salsicha é mais fininha e a bola mais grossa, não acha que a salchicha pode pesar mais? Explique.

Não. Mas ela é mais comprida, então é a mesma coisa.

Retorno Empírico:

Se eu voltar a fazer uma bola com esta salsicha haverá ou não o mesmo peso que na bola?

O mesmo peso

2ª Transformação

Transforma-se as duas bolas em bolacha.

1- E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Como você sabe?

Sim é o mesmo que antes, não mudou nada.

2- Alguma das duas tem mais ou tem menos que a outra? Como você sabe?

Não. Porque não colocou e nem tirou massinha.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas a bolacha é mais larga e maior, você não acha que pesa mais que a bola? Como você sabe?

Não. Antes era o mesmo peso, se não colocou e nem tirou nenhum pedaço de massinha é a mesma coisa.

Retorno empírico:

Se volto a fazer uma bola com esta bolacha, terá ou não o mesmo peso?

O mesmo peso.

3ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em pequenos pedacinhos.

E agora há o mesmo peso na bola e nestes pedacinhos? Como você sabe?

Todos juntos sim. Eles forma feitos com o mesmo tanto de massinha.

Alguma das duas tem mais ou menos que a outra? Como você sabe?

Não. Porque não colocou mais massinha.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas, estes pedacinhos são mais, você não acha que pesa mais estes pedacinhos do que a bola? Como você sabe?

Não. Se juntar todos vai se transformar na bola de novo.

Retorno empírico:

Se volto a fazer uma bola com estes pedacinhos, terá ou não o mesmo peso?

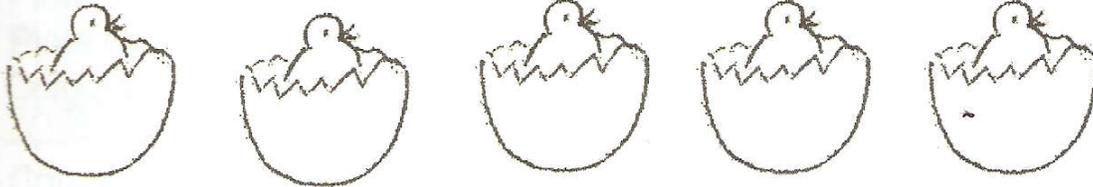
O mesmo peso.

AVALIAÇÃO: Êxito na conservação de peso. Nível operatório concreto. O juízo de conservação foi mantido apesar de contra-argumentar. A criança apresentou argumentos de identidade, reversibilidade e de compensação.

NOME: _____

JG

1- Cálculos orais:



2- Observe o quadro posicional e responda:



centena	dezena	unidade
□		□□□□

- a) O numeral representado é: 134
b) Quantos algarismos ele tem? 3
c) Qual a ordem mais elevada? centena

d) Escreva este numeral por extenso: cento e trinta e quatro

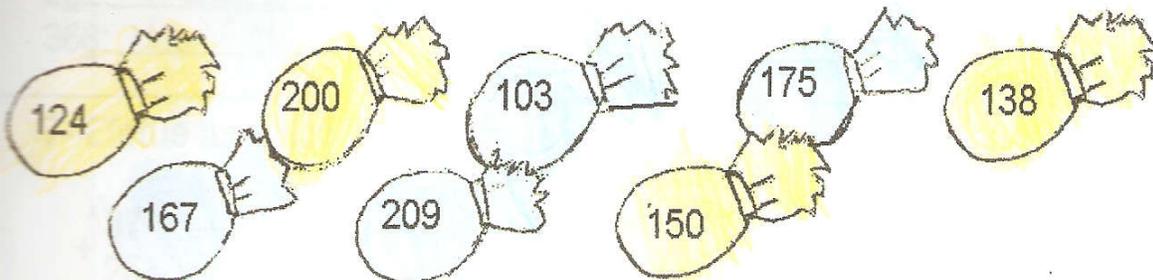
e) Dê o sucessor: 135 e o antecessor: 133

f) O numeral é par ou ímpar? par

3- Escreva em palavras:

- a) 134: cento e trinta e quatro
b) 300: trezentos
c) 209: duzentos e nove
d) 86: oitenta e seis
e) 121: cento e vinte um

4- Observe os ovos de páscoa e responda:



- a) Pinte de amarelo os que tem números pares.
- b) Pinte de azul os que tem números ímpares.
- c) Coloque os numerais na ordem crescente:

103 - 124 - 138 - 150 - 167 - 175 - 200 - 209

- d) Coloque na ordem decrescente:

209 - 200 - 175 - 167 - 150 - 138 - 124

5- Leia com atenção e resolva:

- a) Marcos ganhou 37 bombons de sua madrinha e 20 de sua mãe. Quantos bombons ele ganhou?

dezenas	unidades
3	7
2	0

Resposta: Ele ganhou 57 bombons.

- b) Vovó colocou 203 balas na caixa. Ela deu 101 balas para Ana. Co quantas balas a vovó ficou?

centenas	dezenas	unidades
2	0	3
1	0	1

Resposta: Ela ficou 102 balas.

ANEXO 14 – PROVA PEDAGÓGICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

6- Dê o valor posicional dos algarismos em destaque:

232: dezena 233: centena 572: unidade 440: dezena
 368: unidade 107: centena 317: dezena 327: centena

7- Efetue as adições e dê nome aos termos:

$$\begin{array}{r} 137 \\ + 25 \\ \hline 162 \end{array}$$

dezena	unidade
3	7
2	5
<u>6</u>	<u>2</u>

$$\begin{array}{r} 124 \\ + 213 \\ \hline 337 \end{array}$$

centena	dezena	unidade
1	2	4
2	1	7
<u>3</u>	<u>3</u>	<u>7</u>

8- Siga o modelo:

282	2 centenas, 8 dezenas e 2 unidades	$200 + 80 + 2$
134	1 centena, 3 dezenas e 4 unidades	$1 + 3 + 4$
84	8 dezenas e 4 unidades	$8 + 4$
205	2 centenas, 0 dezenas e 5 unidades	$2 + 0 + 5$
150	1 centena, 5 dezenas e 0 unidades	$1 + 5 + 0$
13	1 dezena e 3 unidades	$1 + 3$

ANEXO 14 – PROVA PEDAGÓGICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

1) Leia o texto:

O CORDEL CONTRA A DENGUE

Vamos falar de um assunto

Que é mesmo muito importante

Temos que ser rapidinhos

Não perder nenhum instante

Pois na guerra contra a dengue

Nunca se faz o bastante

Os ovinhos do mosquito

Você pode encontrar

Bem ali no seu quintal

Em tudo quanto é lugar

Basta que tenha lixinho

Que água possa acumular

Pneus velhos e garrafas

Se não forem bem guardados

Servirão de criadouros

Dos mosquitinhos danados

Que uma vez picando a gente

Deixa-nos adoentados

Seja em casa ou na escola

Temos que tomar cuidado

Pois nos vasos das plantinhas

Deve ser depositado

No lugar da água arcia

Que dá melhor resultado

Avisemos aos papais

Para em casa procurar

Limpar muito bem as calhas

E as caixas d'água lavar

Nessa luta contra a dengue

Todos devem ajudar

Faça então a sua parte

E convide seu vizinho

Nossa união faz a força

Contra esse mosquitinho

É nosso dever cuidar

Da saúde com carinho

1- Marque a resposta certa:

Estamos em alerta com uma doença muito perigosa que é atacada por um mosquitinho. O nome desta doença é:

- CÓLERA
- GRIPE SUÍNA
- DENGUE
- DIARRÉIA

2- Veja a palavra e complete:

DENGUE

- ♥ Começa com a letra: d
- ♥ As vogais são: e u e
- ♥ As consoantes são: n g e

Agora você vai colorir o número de letras que ela tem:



3- Escreva quantas sílabas tem este desenho:



4- Temos que ficar atentos com estes objetos. Descubra o nome de cada um neste CAÇA-PALAVRAS:

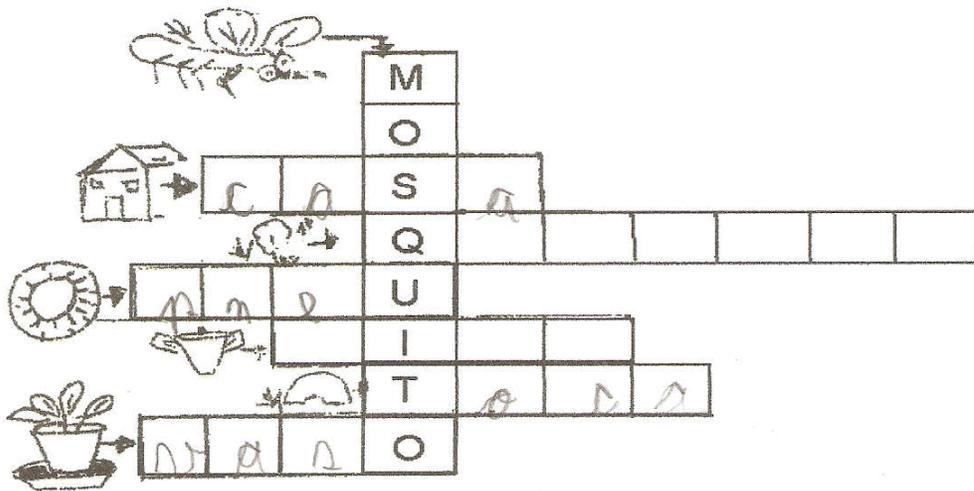
X V L A T A S Q R
P N E U Y W B C S
H G A R R A F A S
Z R X I B V A S O M
Y L I X O G H J K P

- 1- lata
- 2- neu
- 3- garrafas
- 4- vaso
- 5- lixo

5- Marque com u X a resposta correta:

sílabas FINAL	sílabas INICIAL	sílabas MEDIANA
MOSQUITO	LIXINHO	PICADA
<input type="checkbox"/> MOS	<input checked="" type="checkbox"/> LI	<input type="checkbox"/> PI
<input type="checkbox"/> QUI	<input type="checkbox"/> XI	<input checked="" type="checkbox"/> CA
<input checked="" type="checkbox"/> TO	<input type="checkbox"/> NHO	<input type="checkbox"/> DA

6- CRUZADINHA



7- Forme frases com cada desenho acima:

ANEXO 15 - FICHA DE OBSERVAÇÃO DA HORA DO JOGO- CAIXA
LÚDICA

1. Fase do Inventário:

1.1. Ação do aprendente com a “caixa do jogo”.

Demonstra curiosidade? SIM

Tem iniciativa? SIM

Criatividade, imaginação? SIM

Demonstra prazer durante o jogo? SIM

Evita jogos, situações que remetem a situação de aprendizagem escolar?

NÃO

Explora o conteúdo da caixa buscando possibilidades de ação? SIM

Classifica os objetos? SIM

Pega os objetos aleatoriamente sem experimentação? SIM

1.2. Esquemas de ações que se repetem

1.3. Disponibilidade corporal (Postura corporal: rígida, flexível?)

J.A. apresentou diante da caixa uma postura corporal bastante flexível, mudou de posição várias vezes, ficou sentado, deitado, de pé, mudando sempre de acordo com o jogo escolhido.

2. Organização

Consegue fazer argumentações? SIM

Faz antecipações? SIM

Faz escolhas? SIM

Utiliza os objetos na busca de uma construção de um projeto (história)?

SIM

3. Interpretação/ Antecipação

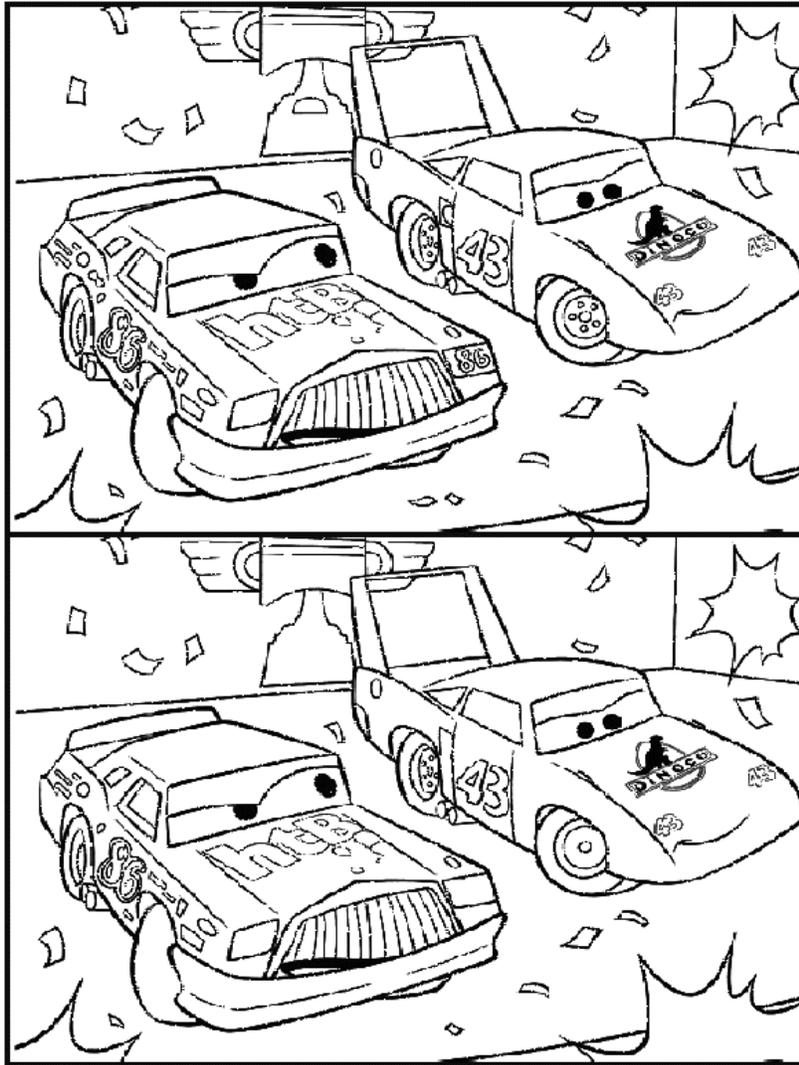
Capacidade de domínio no seu jogar? SIM

Apresenta bom grau de tolerância frente a situações de frustração? SIM

Mostra possibilidades de síntese cognitiva(ou seja coordena o objeto a um objetivo) SIM

4. Modalidade de aprendizagem que apresenta?

ANEXO 16: JOGO DOS SETE ERROS



ANEXO 17 – PROVA OPERATÓRIA CONSERVAÇÃO: QUANTIDADE DE LÍQUIDO- COMPOSIÇÃO

Comprovar as diferentes dimensões dos copos e colocar líquido no copo A1 até a metade.

Pedir que coloque uma quantidade de líquido igual no copo E.

Caso coloque o mesmo tanto, contra-argumentar. Olha este copo E, é muito mais fininho, estreito que o outro, parece então que há a mesma quantidade para beber?

Se não efetuar a correção de elevar a água proporcionalmente no copo E o experimentador efetua esta ação pedindo que faça o certo: nível mais elevado em E.

Se a solução consiste num rebaixamento do nível do copo E, o experimentador chama a atenção sobre a diferença do nível.

Mas você colocou mais água aqui, E pois está mais alto, não te parece então que terá mais em A1? Explique.

Não. Esse é mais fino então tem que colocar um pouco mais que no outro que é mais grosso para que fique igual.

AVALIAÇÃO: Resposta de nível 3. Composição alcançada, pensamento operatório concreto. Mantém as relações apesar das contra-argumentações.

ANEXO 18 - PROVA OPERATÓRIA SERIAÇÃO: PALITOS

Seriação Descoberta

Apresentar os palitos em desordem. Reconhecer o material.

Pedir que organize os palitos do menor para o maior. Observar como elege cada um, ordem de combinação. Como você pensou para fazer?

A criança colocou todos os palitos de um lado da mesa e observando pegava aquele que achava que estava na sequência, se não estava correto voltava e media-o com outro.

Verificação da inclusão

Entregar o palito marcado para que incluía na série.

Ele foi colocado o palito próximo aqueles que pareciam do mesmo tamanho, fazendo medições até que encontrou o lugar correto.

Seriação oculta atrás de anteparo

Apresentar novamente os palitos em desordem e colocar um anteparo entre a criança e o experimentador. Pedir que vá montando uma escala do menor para o maior a medida que for recebendo os palitos. Como você pensou para fazer?

Colocou o primeiro e os demais iam sendo colocados a direita ou a esquerda daquele conforme a ordem. Pensei em uma escada.

AValiação: Êxito por tentativas, pensamento intuitivo articulado. Falta-lhe um esquema antecipatório e um método sistematizado.

ANEXO 19 - QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR

Com relação à observação do material escolar foi realizada uma avaliação do acadêmico no diagnóstico Psicopedagógico a partir do preenchimento da ficha a seguir:

1. Qual é o vínculo do sujeito com o seu instrumento de conhecimento?

Apresenta um bom vínculo de aprendizagem.

2. Há um método de ensino claro? Especifique:

Sim. De acordo com os livros e cadernos de J.A. fica evidente o método da elaboração conjunta. As atividades propostas sempre remetem para a conversação, o dialogo e a reflexão.

3. O conteúdo abordado está associado às construções de estruturas de pensamento necessárias no contexto atual? Especifique.

4. O sujeito apresenta um nível de pensamento adequado ao ano escolar/ faixa etária?

Sim. Todo o material analisado contém atividades com respostas que contemplam o período operatório concreto, ou seja, aquele em que o indivíduo consolida as conservações de número, substância, volume e peso. Já é capaz de ordenar elementos por seu tamanho (grandeza), incluindo conjuntos, organizando então o mundo de forma lógica ou operatória. Já podem compreender regras, sendo fiéis a ela, e estabelecer compromissos. A conversação torna-se possível (já é uma linguagem socializada), sem que no entanto possam discutir diferentes pontos de vista para que cheguem a uma conclusão comum.

5. Demonstra compreender o que é solicitado pela professora?

Nem sempre. Em questões relacionadas a interpretação de texto tem dificuldades em entender o que é solicitado.

6. Qual é o tipo de atividade predominante?

São atividades de discussão, levantamento de hipóteses e argumentação.

7. Todas as atividades são concluídas?

Sim.

8. Houve progressos no desenvolvimento da escrita da criança?

Sim. Observei que a quantidade de letras e algarismos espelhados estão diminuindo ao longo do tempo e a troca e supressão de letras também era mais acentuada no início do ano.

9. Houve regressões? Pode supor quando e por que ocorreram?

Não.

10. Como era sua escrita no início do processo de aprendizagem e como é agora?

Como citado anteriormente a escrita espelhada era bastante expressiva e a troca e supressão de letras nas palavras também era um problema marcante. Hoje esses problemas de escrita ainda acontecem mas em menor intensidade.

11. O uso de borracha e ou corretor é excessivo?

Um tanto quanto considerável.

12. Como é a organização? (Escreve na linha, pula linhas, invade margens, limpeza, ordem, espaçamento).

Na organização J.A. apresenta problemas relacionados à exploração da estruturação espacial, pois não apresenta domínio da noção espacial básica no sentido da direcionalidade (direita e esquerda), não escreve na linha e tem problemas com o espaçamento.

13. Como é a pressão do tônus muscular?

É alta.

14. Analisar o grafismo (letra que utiliza para escrever, tamanho da letra,

oscilação, coordenação motora, traçados, escrita espelhada....).

Escrita com letras irregulares, retocadas e fora das margens, presença de letras espelhadas.

15. Observações das questões ortográficas (omissões, acréscimos, reversões, inversões, trocas, relação fonema/grafema, etc.).

Foi possível observar a troca de letras que se parecem sonoramente: faca/yaca, chinelo/jinelo, porta/borta, confusão de sílabas como: encontraram/encontrarão, adições de sílabas como ventilador e omissões: cadeira/cadera, prato/pato.

16. Há escritas autônomas no seu material? Quais observações são possíveis fazer?

Sim. J.A. consegue organizar bem as idéias e é argumentativo.

17. Há cópias? Quais observações são possíveis fazer?

Mesmo nas cópias apresenta problemas nas questões ortográficas.

18. Faz auto-correção?

Sim. Daí a observação do uso expressivo da borracha.

19. Como são as correções da professora nas atividades realizadas pelo aluno?

São feitas a caneta, circulando ou sublinhando os problemas ortográficos.

20. É possível compreender os critérios de correção da professora?

Ela corrige os problemas ortográficos, faz observações com relação a organização, mostrando perceber bem as dificuldades da criança.

21. As correções são feitas no local do erro ou ao final da atividade?

No local do erro e também ao final das atividades.

22. Assinala mais erros do que acertos?

Sim, apenas raramente faz menções dos acertos e superação das dificuldades.

23. Escreve bilhetes no caderno? Que tipo? Motivando ou reprimindo?

São poucos mas sempre motivando para a superação das dificuldades e reforçando o seu potencial.

24. As anotações da professora auxiliam a criança?

Acredito que sim, pois em determinados momentos percebe-se que o erro corrigido não mais acontece,

25. As correções são pontuais?

Sim.

26. É possível perceber uma relação de dependência ou autonomia?

De acordo com os livros e demais materiais a autonomia está sendo o tempo todo estimulada e a criança parece responder bem a isso.

ANEXO 20 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Nome do Aluno: J.A.R.M.

Idade: 8 anos

Data de Nascimento: 20/01/2002

Escola: C.S.F.A.

Ano Escolar: 3º ano

Nome da Professora: Luciana

Data:

1. O aluno vai bem na escola?

Ele apresenta dificuldades na leitura e escrita.

2. É irrequieto na escola? Em que circunstâncias?

Não. Pelo contrário é muito quieto e tímido.

3. Como se comporta em brigas? Agride ou chora?

Chora.

4. Como reage quando contrariado?

Já presenciei dois extremos. Certa vez ficou muito irritado e descontrolado e em outra situação aceita com muita tranquilidade.

5. Precisa de ajuda para fazer alguma coisa?

Para tirar o agasalho e amarrar o tênis.

6. Tem dificuldades em organizar cálculos?

Não.

7. Apresenta dificuldades em leitura e escrita? Quais?

Sim. Letras espelhadas, supressão de sílabas e letras, leitura com deslocamento, junção ou omissão de sílabas e letras.

8. Como é sua postura na carteira ao escrever?

Está sempre deitado na carteira.

9. Acalca muito o lápis?

Sim.

10. Apresenta alguma dificuldade motora?

Não.

11. Na leitura oral apresenta:

Leitura silábica:

Leitura Vacilante: (X)

Leitura corrente e expressiva:

Boa compreensão do texto lido:

12. Como é o aluno sob o ponto de vista emocional?

Parece Normal.

13. Em qual destas características a criança se encaixa mais?

Agressiva ()

Retraída (x)

Sem Limites ()

Passiva ()

Excitada ()

Dependente () Calma ()

Medrosa (x)

Desligada ()

14. Tem alguma outra dificuldade em classe? Qual?

Trabalhar em grupos e leitura oral.

15. Comparada com as outras crianças, parece:

Mais infantil ()

Ma média (x)

Mais amadurecido ()